

PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Exercícios de Sobrevivência e Plenitude Espiritual

Elben M. Lenz César

PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Exercícios de Sobrevivência e Plenitude Espiritual

Avivamento sem práticas devocionais não existe. Torna-se evento e não movimento. Não tem como sustentar-se, passado o impacto inicial.

Se a partir do avivamento, a igreja se entregar às práticas da Leitura da Bíblia, da Oração, do Desabafo, da Confissão, da Restauração, da Humildade, da Introspecção, da Vigilância, do Discernimento, do Equilíbrio, da Espera, da Descomplexação, da Confiança, da Ousadia, da Resistência, do Poder, da Vontade, da Alegria, então a vida abundante de que falou Jesus será uma deliciosa e continuada realidade. As Práticas Devocionais são exercícios de sobrevivência e de plenitude espiritual e levam o crente ao ponto máximo da comunhão, tornando-o amigo de Deus.

Práticas Devocionais é mais que um livro. Tem sido utilizado em escolas dominicais, seminários, institutos bíblicos e retiros espirituais em todo o país.

Editora Ultimato

Caixa Postal 43 - 36570-000 Viçosa - MG - Telefone: (031) 891-3149 - Fax: (031) 891-1557

Elben M. Lenz César

PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Mazinho Rodrigues!

Editora Ultimato

3ª Edição
1995

Todos que são beneficiados pelo que faço, fiquem certos que sou contra a venda ou troca de todo material disponibilizado por mim. Infelizmente depois de postar o material na Internet não tenho o poder de evitar que "*alguns aproveitadores*" tirem vantagem do meu trabalho que é feito sem fins lucrativos e unicamente para edificação do povo de Deus. Criticas e agradecimentos para: *mazinhorodrigues@yahoo.com.br*

Att: Mazinho Rodrigues.

PRÁTICAS DEVOCIONAIS
Copyright © Editora Ultimato

1ª Ediçao: 1993
2ª Edição (Ampliada): 1994
3ª Edição: Julho, 1995

Editor: Marcos Bontempo

Publicado com autorização e com todos os direitos reservados pela
Editora Ultimato Ltda
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa - MG
(031) 891-3149 - Fax: (031) 891-1557

Capa: Criação, Editora Ultimato
Fotografia do vitral da Igreja de St. Laurentius, em Niederkalbach (Alemanha)

INDICE

Introdução 5
1. Prática da Leitura da Bíblia 9
2. Prática da Oração 15
3. Prática do Desabafo 25
4. Prática da Confissão 31
5. Prática da Restauração 41
6. Prática da Humildade 49
7. Prática da Introspecção 57
8. Prática da Vigilância 65
9. Prática do Discernimento 69
10. Prática do Equilíbrio 73
11. Prática da Espera 77
12. Prática da Descomplexação 83
13. Prática da Confiança 89
14. Prática da Ousadia 95
15. Prática da Resistência 101
16. Prática do Poder 107
17. Prática da Vontade 113
18. Prática da Alegria 117

INTRODUÇÃO

As práticas devocionais são exercícios de sobrevivência e de plenitude espiritual. No critério de Paulo, a prática de conservar-se espiritualmente apto "é muito mais importante que o exercício corporal, e é um revigorante para tudo o que você faz" (1 Tm 4.8 em A Bíblia Viva). As práticas devocionais abarcam todos os exercícios que produzem, aperfeiçoam e sustentam a perfeita comunhão do pecador salvo e redimido por Jesus Cristo com o próprio Deus. Elas acabam com a distância que há entre Deus e o homem e levam o crente ao ponto máximo da comunhão, tornando-o amigo de Deus (2 Cr 20.7, Jo 15.14-15). Graças a esta perfeita e contínua ligação com Cristo, o cabeça da Igreja (Ef 5.23), o corpo, "**suprido e bem vinculado** por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus" (Cl 2.19).

As práticas devocionais demandam trabalho, esforço e tempo. Assim como a criança sua para sorver o leite materno e o seio produz o leite na medida em que é sugado, o crente não pode ser leviano na busca de Deus. Assim como as plantas que vivem mais de um ano no deserto do Saara são obrigadas a ter raízes muito compridas para colher a umidade nas profundezas do subsolo, o crente precisa se adaptar até descobrir e explorar os veios cheios de água viva para se manter vivo e vigoroso.

Junto às águas

É quase exaustivo ler todos os textos bíblicos que mencionam a expressão **junto às águas**. Más vale a pena! Este

é o segredo da folha sempre verde, da árvore carregada de frutos e da vida em abundância (Jo 10.10). As práticas devocionais nos levam obrigatoriamente para junto das águas e o resto é conseqüência natural desta proximidade.

Gn 41.22 - "José é um ramo frutífero, ramo frutífero **junto à fonte**; seus galhos se estendem sobre o muro".

Mesmo vendido pelos irmãos como escravo aos ismaelitas, mesmo caluniado pela mulher de Potifar, mesmo jogado numa masmorra por um crime que não cometeu, mesmo esquecido pelo copeiro-chefe de Faraó, mesmo em tempos de vacas magras - os braços de José foram feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, que o abençoou com as bênçãos dos altos céus. A explicação do sucesso contínuo de José em qualquer circunstância foi anotada pelo próprio pai - José é um ramo frutífero junto à fonte.

Sl 1.3 - "Ele é como árvore plantada **junto a corrente de águas** que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido".

Este texto se aplica a qualquer pessoa que, além de não participar da impiedade, se deleita em meditar de dia e de noite na lei do Senhor. O sucesso é inevitável.

Sl 23.2 - "Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para **junto das águas de descanso**; refrigera-me a alma".

O cuidado é do próprio Deus, do próprio Pastor. Ele quer abastecer a ovelha e renovar as suas forças e o seu entusiasmo com a proximidade das águas.

Is 44.3-4 - "Derramarei água sobre o sedento, e torrentes sobre a terra seca, derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade, e a minha bênção sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros **junto às correntes das águas**".

A comparação com os salgueiros é oportuna, pois estes cresciam, floresciam e formavam moitas sempre perto das águas (Lv 23.40, Sl 137.2, Ez 17.5).

Jr 17.7-8 - "Bendito o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque ele é como árvore plantada

junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e no ano da sequidão não se perturba nem deixa de dar fruto".

Os contratempos, a adversidade e as mudanças de situação não são suficientes para interromper a produção de frutos nem para secar as folhas verdes da árvore, graças ao fato de estar plantada junto às águas.

Rios de águas vivas

Não se deve pensar que a vizinhança das águas se destina apenas a nos alimentar e nos fazer crescer espiritualmente. O propósito de qualquer crescimento e sucesso está sempre ligado ao desempenho da glória de Deus. É da vontade soberana de Deus que usemos estas águas também para nos tornar rios de águas vivas a correr pelas regiões áridas do mundo e pelos desertos alheios: "Rios de águas vivas vão jorrar do coração de quem crê em mim" (Jo 7.38 em A Bíblia na Linguagem de Hoje). Há duas passagens das Escrituras que devem ser lembradas a este propósito. Elas mostram até onde podem ir estes rios de água viva:

De Jerusalém ao Mar Morto (Ez 47.1-12). Na visão de Ezequiel, as águas nascem debaixo da entrada do Templo, vão se engrossando, seguem para o oriente, atravessam o deserto da Judéia e deságuam no Mar Morto. Ao subir o rio de volta a Jerusalém, o profeta encontra tudo modificado. Ao longo das margens do rio havia árvores frutíferas de todo tipo e carregadas de frutos o ano todo, além de todo tipo de animais e de peixes. Por causa deste mesmo rio que vem do Templo, a água salgada do Mar Morto vira doce e o mar se enche de peixes e de pescadores como no Mar Mediterrâneo.

De Jerusalém para o Mar Morto e para o Mar Mediterrâneo: "Naquele dia também sucederá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e a outra metade até o mar ocidental, no verão e no inverno

sucederá isto" (Zc 14.8). Agora as águas vivas de Jerusalém não correm apenas para a direção do nascente do sol, mas também para a direção oposta, o poente do sol, até o Mediterrâneo. Uma vez derramadas no Mediterrâneo, que não é um mar fechado como o Mar Morto, a água viva se espalha por todos os oceanos do mundo, ligados entre si, cumprindo assim o propósito missionário de Deus.

Avivamento e práticas devocionais

Avivamento sem práticas devocionais não existe. Torna-se evento e não movimento. Fica só na euforia, na excitação, na festa, na busca de sinais e prodígios, na superficialidade. Cedo há de dissipar-se, não se mantém, não sobrevive ao tempo, não tem como sustentar-se, passado o impacto inicial. Nem sempre produz santidade de vida, nem sempre mexe com o caráter do crente, nem sempre elimina certos defeitos de comportamento, nem sempre provoca renúncias corajosas e definitivas.

A maior glória de um avivamento é levar os crentes às práticas devocionais. Se a partir do avivamento, a igreja de Deus se entregar à prática regular da leitura da Bíblia, da oração, do desabafo, da confissão, da restauração, da humildade, da introspecção, da vigilância, do discernimento, do equilíbrio, da espera, da descomplexação, da confiança, da ousadia, da resistência, do poder, da vontade e da alegria, então a vida abundante de que falou Jesus (Jo 10.10) será uma deliciosa e continuada realidade.

Neste caso, por causa da profundidade e da manutenção cuidadosa do avivamento, os riscos de distorção desaparecem ou são mantidos à distância. As práticas devocionais vão manter o avivamento e a plenitude do Espírito.

CAPÍTULO 1

Prática da Leitura da Bíblia

A prática da leitura da Palavra de Deus é a arte de procurar o Senhor nas páginas das Sagradas Escrituras até achar, a arte de enxergar a riqueza toda que está atrás da mera letra, de ouvir a voz de Deus, de relacionar texto com texto e de sugar todo o leite contido na Palavra revelada e escrita, tanto nas passagens mais claras como nas passagens aparentemente menos atraentes, através de uma leitura responsável e do auxílio do Espírito Santo.

A Bíblia é a Palavra de Deus. Isto quer dizer muita coisa. Significa que ela encerra a auto-revelação de Deus e expressa a vontade toda de Deus em matéria de fé e conduta. Quer ainda dizer que você não se encontra desesperadamente em estado de absoluta desinformação quanto a Deus, quanto à vida e quanto à eternidade. Você tem em sua própria língua um livro de texto e de devoção que encerra o programa todo de Deus, uma espécie de enciclopédia que fornece toda sorte de informação teológica necessária, um manual de avaliação que mostra a diferença entre o certo e o errado.

Além de inspirada por Deus, toda Escritura é extremamente útil (2 Tm 3.16). Ela fornece alimento para o espírito: "Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Dt 8.3, Mt 3.4). Ela gera conhecimento, fé, convicção e esperança. Ela promove comunhão com Deus e comunhão com os homens. Ela produz conforto em meio a lágrimas e angústias. Ela repreende e corrige, "a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda a boa obra" (2 Tm 3.17). Ela serve de ponto de apoio em situações adversas: "**Sobre** a tua palavra lançarei as redes" (Lc 5.5). Ela exerce influência poderosa nas tomadas de decisão. Ela cria uma mentalidade religiosa. Ela se acomoda nos porões do subconsciente e forma uma bagagem de valor inestimável, que aflora naturalmente nos momentos mais necessários.

Ingestão

Contudo, para que este volume enorme de riqueza se torne seu é necessário "comer" a Palavra de Deus, à semelhança de Ezequiel, que encheu as suas entranhas do rolo de um livro (Ez 2.8 - 3.3). Basta comer. O resto é com Deus. A ingestão da Sagrada Escritura depende de você. Trata-se de um exercício voluntário, consciente e pessoal. Faz-se isto por meio da leitura cuidadosa e regular da Palavra. A leitura formal, superficial, ocasional, desordenada ou supersticiosa rende muito pouco ou nada. Bem como a leitura feita para satisfazer apenas o intelecto. "Abre bem a tua boca", diz o Senhor, "e ta encherei" (Sl 81.10). Você precisa aprender a arte de "abrir a boca" para meter a Palavra de Deus dentro do espírito.

Digestão

Diferente da ingestão, a digestão é a assimilação da Sagrada Escritura em seu interior. O processo é inconsciente, automático e irreversível. Uma vez ingerida, a Palavra que

sai da boca de Deus é como a chuva e a neve que descem dos céus "e para lá não tornam sem que primeiro reguem a terra e a fecundem e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come" (Is 55.10-11). A Palavra de Deus não volta para ele vazia, mas fará o que lhe apraz, e prosperará naquilo para que ele a designou. Você não pode perder a noção e a certeza de que "a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração" (Hb 4.12). Em outras palavras, a Escritura Sagrada, uma vez corretamente lida, provoca uma revolução dentro de você, desce aos lugares mais profundos, mexe em tudo. Estas coisas acontecem por causa do valor intrínseco da Palavra e por causa da operação do Espírito Santo.

Metodologia

Para ser altamente proveitosa, a prática da leitura da Palavra de Deus depende da qualidade do empreendimento, que se consegue através das seguintes providências:

1. **Ler.** Percorra com a vista o que está escrito, proferindo ou não as palavras. Tome conhecimento do texto. "Buscai no livro do Senhor, e **lede**" (Is 34.16). O rei de Israel deveria escrever um tratado da lei do Senhor para **ler** todos os dias da sua vida (Dt 17.18-20).

2. **Meditar.** Meditar é mais do que ler. Examine o texto lido. Reflita sobre ele. Gaste algum tempo para ficar por dentro da mensagem que o texto encerra. Veja a disposição do salmista: "Os meus olhos antecipam as vigílias noturnas, para que eu medite nas tuas palavras" (Sl 119.148). Só neste Salmo, o verbo meditar aparece seis vezes. Aquele que medita na lei do Senhor de dia e de noite "é como árvore plantada junto a corrente de águas" (Sl 1.3).

3. **Memorizar.** Meta na cabeça o que você leu e meditou. Entregue-o à memória, retenha-o, não o deixe escapar.

Decore, se não as palavras, pelo menos a mensagem do texto lido. Guarde-a na despensa interior. Veja o propósito do salmista: "Induzo o coração a guardar os teus decretos, para sempre, até ao fim" (SI 119.112). Para precaver-se do pecado, o jovem deve conservar dentro de si os mandamentos de Deus, e escrevê-los na tábua de seu coração (Pv 7.1-3).

4. **Inculcar.** Enfie bem para dentro a Palavra de Deus. Coloque-a nas entranhas, "no mais íntimo do coração" (Pv 4.21). Torne-a propriedade pessoal. Provoque uma impregnação da Sagrada Escritura em todo o seu ser. Era isto que Israel deveria fazer com as crianças: "Estas palavras que hoje te ordeno, tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te e ao levantar-te" (Dt 6.6-9).

5. **Conferir.** Compare texto com texto. Não só para descobrir o sentido exato da passagem lida, mas também para enriquecer o seu conhecimento de toda a Escritura, consultando outras passagens paralelas. Por exemplo, digamos que você está lendo a Epístola de Paulo a Tito e encontra a frase: "Estas coisas são excelentes e proveitosas" (3.8). A partir daí você pode descobrir várias coisas **excelentes** ao correr da Bíblia: o mais excelente **nome** (Hb 1.4), o mais excelente **sacrifício** (Hb 11.4), o mais excelente **óleo** (Am 6.6), o mais excelente **caminho** (1 Co 12.31), a excelência do **episcopado** (1 Tm 3.1), o **espírito** excelente de Daniel (Dn 5.12) e a menção a Rúben, "o mais excelente em altivez, e o mais excelente em poder", contudo "impetuoso como a água" (Gn 49.3-4). Ora, este esforço é altamente compensador. Esclarece, edifica, enriquece e lhe dá uma visão global das Escrituras.

6. **Lembrar.** Aprenda a fazer uso prático do que foi guardado na memória e nas entranhas. Retire do computador o que já foi digitado, retire do banco o que já foi depositado, retire da despensa o que já foi armazenado, e sirva-se à vontade. Você nunca vai ficar na mão, sem assistência, sem tratamento, sem pão. É só lembrar e aplicar. É nesse sentido que Jesus disse: "Lembrai-vos da mulher de Ló" (Lc 17.32).

Fez muito bem a Pedro lembrar-se de que Jesus lhe dissera: "Hoje três vezes me negarás, antes que o galo cante" (Lc 22.61).

Sugestões

Por causa do temperamento, do estilo pessoal de ler e de estudar e da disponibilidade de tempo, cada um deve descobrir e adotar a maneira própria mais indicada de ler a Bíblia. Os métodos alheios servem apenas de exemplos. Considere, todavia, mais estas sugestões:

1. Reserve a hora mais propícia do dia para ler a Bíblia. Isto varia muito de pessoa para pessoa. Seja exigente neste sentido e evite a hora menos propícia.

2. A preocupação maior deve ser com a qualidade da leitura e não com a quantidade. Você não precisa ler a Bíblia durante o ano, mas precisa ler a Bíblia com proveito o ano inteiro.

3. Procure ler toda a Bíblia. Não necessariamente de Gênesis ao Apocalipse. Leia grupos de livros: os livros poéticos, as Cartas de Paulo, os profetas menores, o Pentateuco, os quatro Evangelhos, os livros históricos e assim por diante. Para seu controle pessoal, coloque a data do início e do final da leitura em cada livro.

4. Sublinhe o que você achar mais interessante. Faça pequenas notas às margens ou num bloco à parte. Por uma questão de ordem é bom numerá-las. Uma numeração para cada livro lido. O esforço de escrever as notas torna a leitura e a meditação mais sérias e ajuda a memorizar as lições aprendidas.

5. Use a **Concordância Bíblica** da Sociedade Bíblica do Brasil, baseada na Edição Revista e Atualizada no Brasil da Tradução de João Ferreira de Almeida (1100 páginas e 300.000 linhas), para conferir escritura com escritura.

6. Se tiver tempo, quando necessário, consulte outras versões em português (ou outras línguas) e a paráfrase **A Bíblia Viva**, para entender melhor o texto e fugir da rotina

de uma mesma tradução a vida inteira. Além da tradução de **Almeida**, a mais usada, você pode recorrer às antigas traduções de Figueiredo e Versão Brasileira e à mais recente **A Bíblia na Linguagem de Hoje**, e à **Bíblia de Jerusalém** (das Edições Paulinas).

7. Só consulte as notas de rodapé, comentários e dicionários bíblicos depois do esforço próprio de entender o texto. Evite a preguiça mental.

8. Peça sempre o auxílio do Espírito Santo para entender as Escrituras e se beneficiar delas, seja por meio de uma pequena oração ou por meio de uma atitude de dependência e humildade. É o Espírito quem levanta o véu e deixa você ver a riqueza toda que está atrás da mera letra.

CAPÍTULO 2

Prática da Oração

A prática da oração é a arte de entrar no Santo dos Santos e de se colocar na presença do próprio Deus em espírito, por meio da fé, valendo-se do sacrifício de Cristo, e falar com Deus com toda liberdade através da palavra audível ou silenciosa.

A oração parece uma decantada loucura. Como pode o homem comunicar-se com o próprio Deus em qualquer tempo, em qualquer lugar e em qualquer situação, se este é o Senhor de todo o Universo, e aquele um miserável habitante de um pequeno planeta que integra o sistema solar, que por sua vez é somente uma parte minúscula de uma galáxia chamada Via-Láctea, composta de mais de 100 bilhões de estrelas relativamente semelhantes ao sol? O espanto é muito maior quando se sabe que existem 100 bilhões de galáxias (23 para cada habitante da Terra), além dos distantes e brilhantes quasares!

Mesmo não havendo seres inteligentes senão neste modesto planeta, como pode Deus ouvir as orações diárias que, pelo menos os 1,6 bilhões de cristãos lhe dirigem? Os

críticos dizem que a oração é válida, não porque penetra "até aos ouvidos do Senhor dos exércitos" (Tg 5.5), mas porque é emocionalmente saudável para quem ora. No entanto, aqueles que oram corretamente estão convencidos de que sua oração chega de fato "até à santa habitação de Deus, até aos céus" (2 Cr 30.27). E ainda perguntam com uma pequena dose de malícia: "O que fez o ouvido, acaso não ouvirá?" (Sl 94.9).

Apesar desta aparente irracionalidade, a oração é "a mais alta atividade da qual o espírito humano é capaz", segundo o professor E. A. Judce, da Universidade de Sidney, Austrália. O homem ora porque tem necessidade interior de orar, porque sabe que Deus existe e é "galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6), porque precisa de Deus e reconhece que ele não é semelhante aos deuses da mitologia greco-romana nem aos ídolos, que "têm ouvidos, e não ouvem" (Sl 115.6).

Resultados

Outra coisa estranha, mas óbvia em vista da onisciência de Deus, é que o propósito da oração não é tornar Deus ciente de nossa dor e de nossa necessidade. A oração é o instrumento pelo qual confessamos duas coisas ao mesmo tempo: a estreiteza de nossos recursos e a extrema largueza dos recursos do poder e do amor de Deus. A prática da oração é um dos mais extraordinários meios de graça de que o homem pode dispor. A oração é a outra via de comunhão com Deus. A primeira via é a leitura da Palavra de Deus. Por esta via, Deus fala com você; por aquela via você fala com Deus.

É possível classificar em três grupos distintos os efeitos da oração:

1. Resultados psicológicos. Por meio da oração, você pode superar a tensão, a ansiedade, a angústia, certos tipos de depressão, o sentimento de culpa e outros estados emocionais desagradáveis. É perfeitamente possível relaxar durante e depois da oração. A oração é uma das alternativas

para a ansiedade: "Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, **porém**, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça; e a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus" (Fp 4.6-7).

2. Resultados espirituais. A oração força o exercício da piedade e da disciplina pessoal, ajusta o homem aos padrões de fé e de comportamento. O esquema é muito simples: você ora porque precisa de Deus, mas, para ser ouvido, é necessário que você compareça de mãos limpas perante o Senhor. Ou, pelo menos, que inicie sua prece com arrependimento e confissão de pecado, pois "Deus não atende a pecadores" (Jo 9.31). Veja a percepção do salmista a este respeito: "Se eu tivesse guardado lugar para o pecado no meu coração, Deus nunca me teria ouvido" (Sl 66.18 em A Bíblia Viva). A oração bem sucedida depende de uma estreita união com Cristo: "Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7). Pedro chega a dizer que a falta de compreensão entre marido e mulher, o egoísmo de um e de outro e outros problemas conjugais causam orações sem resposta da parte de Deus (1 Pe 3.7). Foi a necessidade imperiosa e urgente de ser atendido por Deus, a propósito da aproximação do irmão Esaú e do bando de 400 homens armados que o acompanhavam, que fez Jacó admitir que era um suplantador e deixar-se corrigir por Deus, numa noite de oração do outro lado do vau de Jaboque (Gn 32.22 - 33.17).

3. Resultados em termos de atendimento. Deus responde as orações de seus filhos, não necessariamente como pedimos, mas a seu modo e de acordo com a sua soberania. Não poucas vezes, ele "é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós" (Ef 3.20). Sem oração você não alcança certas bênçãos. Jesus deixou claro: "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á" (Mt

7.7-8). Tiago vai mais além e declara com sua peculiar franqueza: "Nada tendes, porque não pedis" (Tg 4.2). A oração tem um alcance enorme: "**Muito** pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5.16).

Elementos da oração

A maior parte de nossas orações são só orações de súplica. Para muitos, oração e súplica são sinônimos perfeitos. Na verdade não é assim. A oração no contexto bíblico tem pelo menos seis elementos, que não precisam marcar presença numa única prece, mas devem ser lembrados sempre:

1. Na **adoração**, você exalta o caráter de Deus, a imensidão, a perfeição e a beleza da criação e de todas as suas obras posteriores, e se delicia com o próprio Deus. A razão máxima da adoração é "porque a sua misericórdia dura para sempre", como declarou em uníssono o povo de Israel por ocasião da inauguração do templo de Jerusalém (2 Cr 7.3) e como aparece repetidamente no Salmo 136.

2. Nas **ações de graça**, você agradece nominalmente as manifestações da misericórdia, do amor e do poder de Deus em sua vida, na família e na comunidade. Esta é uma obrigação a que você precisa se impor: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios" (Sl 103.2). Cuidado para não repetir a grosseria dos nove leprosos mal-agradecidos: "Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?" (Lc 17.17).

3. Na **confissão**, você se abre e conta a Deus suas mazelas e fraquezas, pecado de qualquer natureza, admitindo sempre a própria culpa e recorrendo à misericórdia divina. É como disse C. S. Lewis, "todos nós temos pecados suficientes para sermos intragáveis". Ponha este lixo para fora na prática da oração. O pecado armazenado é uma desgraça (Os 13.12).

4. No **extravazamento**, você derrama a sua alma perante Deus e fala de seus sustos e medos abertamente com o firme propósito de descansar no Senhor. É nesta hora solene que

você entra no santuário de Deus (Sl 73.16-17) para sair de semblante não mais carregado nem triste (1 Sm 1.18, Mt 11.29).

5. Na **intercessão**, você se exercita no altruísmo e ora em favor do sofrimento alheio, dos problemas alheios e das necessidades alheias, assim como Jesus orou por Pedro (Lc 22.32) e ora por todos nós (Jo 17.20, Rm 8.34, Hb 7.25). É bom lembrar também que o próprio Espírito "intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis" (Rm 8.26-27). A intercessão não é uma escolha, mas uma ordem: "Orai uns pelos outros" (Tg 5.16). Às vezes pode ir mais longe: "Orai pelos que vos perseguem" (Mt 5.44).

6. Na **súplica**, você apresenta as suas necessidades pessoais, familiares e comunitárias, costumeiras ou esporádicas, que formam um leque enorme, e clama pela intervenção amorosa e sábia de Deus. A resposta de Deus às vezes tarda, como no caso de Isaque, que deve ter orado vinte anos a favor do engravidamento da esposa: era de 40 anos quando se casou e de 60 quando nasceram os gêmeos Esaú e Jacó (Gn 25.19-26). No caso de Zacarias e Isabel, a demora foi muito maior: quando ela concebeu, os dois eram "avançados em dias" (Lc 1.7,18 e 36).

O direito da súplica

Peça sem constrangimento. Não é necessário substituir a súplica pelo louvor. É Deus quem abre a porta da oração e diz: "Pede-me o que queres que te dê" (1 Re 3.5), "Invoca-me, e te responderei" (Jr 33.3), "Pedi, e dar-se-vos-á" (Mt 7.7), "Se dois dentre vós concordarem a respeito de qualquer coisa que porventura pedirem, ser-lhes-á concedido por meu Pai que está no céu" (Mt 18.19), "Tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis" (Mt 21.22) e "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo 14.14). Se o "amigo" (Lc 11.5-8), o "pai" (Lc 11.11-13) e o "juiz" (Lc 18.4-5), mesmo sendo maus, dão alguma coisa aos que lhe pedem, "quanto mais vosso Pai que está nos céus", argu-

menta com força o Senhor Jesus, "dará boas coisas aos que lhe pedirem?" (Mt 7.11). Porém é preciso tomar alguns cuidados:

1. O motivo das orações deve ser constantemente burilado das tentações do egoísmo e do consumismo. Uma das razões do não-atendimento das orações é porque o objetivo delas está todo errado: "Vocês pedem coisas para usá-las para os seus próprios prazeres" (Tg 4.3 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

2. Não se deve orar **apenas** por saúde, cura física, sucesso, prosperidade moderada, felicidade e família. Há certas carências muito sérias que podem ser supridas por meio da oração. Devemos partir daquele aviso de Tiago: "Se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1.5). Se em seu caso, a carência não é de sabedoria, mas de alegria, entusiasmo, humildade, paciência, amor, poder, pureza, ousadia, capacidade para o trabalho, equilíbrio, fé ou qualquer outra coisa, você tem o direito e o dever de levar insistentemente esta necessidade a Deus em oração. É para pedir o que não se tem, no raciocínio de Tiago. A posse destes valores extraordinários contribui para o seu bem total e para o progresso do evangelho. Este tipo de oração segue de perto o modelo apresentado por Jesus Cristo, pois santifica o nome de Deus, promove o seu reino e implanta a sua vontade "assim na terra como no céu" (Mt 6.9-10).

O sim e o não

Deus diz **sim** a muitas de nossas orações. É animador listar os **sins** de Deus nas orações contidas na história bíblica. Isaque orou por sua mulher estéril e Rebeca concebeu (Gn 25.21). Israel clamou contra a dura servidão de Faraó e Deus ouviu o seu gemido e os tirou de lá com poderosa mão (Ex 2.23-25, Nm 20.14-16, Dt 26.5-9, At 7.34). Moisés intercedeu pelo povo e o fogo do Senhor, que já

havia consumido extremidades do arraial, se apagou (Nm 11.1-3). Manoá orou para que o anjo que anunciou o nascimento de Sansão viesse mais uma vez e ele veio (Jz 13.8-9). Salomão implorou a bênção de Deus sobre o templo de Jerusalém e este o ouviu (1 Re 9.3). Em vários Salmos, Davi tem prazer em testemunhar que o Senhor ouve as suas orações (SI 4.3, 5.3, 6.8-9, 18.6, 31.22, 40.1). Ezequias orou ao Senhor por sua doença mortal e Deus o curou (2 Re 20.5). Jonas fez uma aflita oração no ventre do peixe e este vomitou o profeta numa praia do Mediterrâneo (Jn 2.1-10). Zacarias também orou em favor de sua esposa para que ela fosse fértil e Isabel lhe deu João Batista (Lc 1.13).

Mas Deus também diz não a **não** poucas orações, mesmo que elas sejam proferidas por pessoas de caráter e de fé. Moisés implorou ao Senhor permissão para passar o Jordão e ver a terra da promessa e Deus lhe disse: "Basta; não me fales mais nisto" (Dt 3.23-29). Apesar de ser um homem de oração, Davi orou sentidamente pelo filho recém-nascido gravemente enfermo e Deus levou a criança após uma semana de intensa oração e jejum (2 Sm 12.15-23). Paulo conta que em três ocasiões diferentes implorou a Deus para ficar livre do espinho na carne e cada vez o Senhor lhe dizia não (2 Co 12.7-9). O mesmo apóstolo deve ter orado pela saúde de Timóteo e de Trófimo, mas não há indicação de que eles tenham sido curados (1 Tm 5.23 e 2 Tm 4.20).

Oração e ação

A oração não elimina a ação nem a ação elimina a oração. Ninguém melhor que Neemias soube valorizar uma e outra, como se pode observar nesta informação do próprio punho do governador da Palestina na época da reconstrução de Jerusalém: "Todos procuravam atemorizar-nos, dizendo: As suas mãos largarão a obra, e não se efetuará. Agora, pois, ó Deus, fortalece as minhas mãos." (Ne 6.9)

Dois grandes cristãos do século XVI, um protestante e alemão, e outro, católico e espanhol, escreveram frases

semelhantes sobre o equilíbrio entre a oração e a ação. O mais velho, Lutero (1483-1546), dizia: "É preciso orar como se todo trabalho fosse inútil e trabalhar como se todo orar fosse em vão". O mais novo, Loyola (1491-1556), afirmava: "Devo orar como se tudo dependesse de Deus, trabalhar como se tudo dependesse de mim".

A frequência da oração

Quantas vezes se deve orar? Só aos domingos, na igreja? Todos os dias na hora de levantar ou na hora de dormir? Somente para dar graças às refeições? Só em caso de fome, doença e morte? A Bíblia tem respostas para estas indagações.

1. **Períodos rígidos de oração.** Porque a oração é de grande importância e porque o homem é naturalmente indisciplinado, é bom que haja algum horário fixo de oração, como acontece até hoje entre judeus e muçulmanos. Daniel se obrigava a orar de joelhos três vezes ao dia (Dn 6.10). O próprio Davi fazia o mesmo em intervalos regulares quem sabe de seis horas: "À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e ele ouvirá a minha voz" (Sl 55.17). Em Atos, encontramos duas referências à **hora nona de oração** (três horas da tarde), tanto no templo (At 3.1) como em casa do centurião romano que absorveu este costume dos judeus (At 10.30).

2. **Períodos especiais de oração.** Os horários fixos e diários de oração não dispensam algo como um dia inteiro de oração, uma noite de oração, três dias de oração e jejum (como aconteceu aos judeus que se achavam em Susã na época de Ester), uma semana de reuniões de oração, etc. Jesus tinha o hábito de passar uma noite inteira "orando a Deus" (Lc 6.12). Os dias seguintes eram para ele de grande importância: a escolha dos doze apóstolos (Lc 6.12-16), a cura do jovem possesso (Lc 9.37-43), o encontro com a mulher adúltera (Jo 8.1-11) e a sua prisão, julgamento e morte (Mt 26.36-27.56).

3. **Oração conforme a necessidade.** Não é preciso esperar a "hora nona de oração" para orar. Você é livre para orar em qualquer lugar, momento e situação. Depende da sua necessidade e de sua vontade. Você pode orar na rua, no trabalho, atrás de uma junta de bois, numa quadra de esportes, ao volante de um carro, numa fila de banco e assim por diante. Neemias é formidável quanto a isto: quando Artaxerxes se dispôs a ajudá-lo e perguntou-lhe como, na mesma hora Neemias fez uma oração relâmpago para pedir a direção e a bênção de Deus, sem fechar os olhos, sem se expressar em voz alta e sem sair da presença do rei (Ne 2.4). Estando em agonia, Jesus orava mais intensamente ali no Getsêmane (Lc 22.44).

4. **Oração contínua.** O "orai sem cessar" de Paulo (1 Ts 5.17) significa uma abertura total à oração. É como se você vivesse vinte e quatro horas por dia dentro de uma oração. É a manutenção pura e simples do espírito de oração em todas as coisas, mesmo sem se ajoelhar e sem falar. O que caracteriza este tipo nobre de oração é o sentimento constante de suas carências, a permanente dependência de Deus e a cuidadosa manutenção de uma confiança total em Deus. A oração contínua é mais do que a oração noite e dia daquela viúva de 84 anos que não deixava o templo de Jerusalém e que tinha estado casada apenas 12,6% de seus dias (Lc 2.36-37).

CAPÍTULO 3

Prática do Desabafo

A prática do desabafo é a arte de derramar a alma perante o Senhor, retirando de dentro e colocando para fora todo e qualquer melindre, mágoa, ressentimento, tristeza, queixume, inquietação, ansiedade, medo, indignação desmedida, revolta e coisas assim. Dá-se através de uma abordagem firme e corajosa na presença de Deus de problemas reais, de problemas de gravidade exagerada e de problemas inexistentes. O desabafo bem feito provoca a interrupção de uma situação de intensa e contínua amargura.

O desabafo é tão saudável quanto o lazer. O excesso de ansiedade provocado pelo acúmulo de problemas, dificuldades, decepções, frustrações e sofrimento desmantela qualquer esquema de felicidade pessoal. Os casos mais graves podem levar ao álcool e à droga, podem causar distúrbios emocionais e doenças mentais e podem dar ocasião ao suicídio. A falta de desabafo faz mal à alma e ao corpo. Não só ao sistema nervoso, mas aos sistemas circu-

latório, respiratório e digestivo. O desabafo é uma necessidade e uma possibilidade.

É uma possibilidade porque a Bíblia está cheia de desabafos. Dois livros do Velho Testamento tratam quase exclusivamente de desabafos: Jó e Salmos. Algumas passagens trazem um insistente convite ao desabafo:

"Confiai nele, ó povo, em todo o tempo; derramai perante ele o vosso coração: Deus é o nosso refúgio" (Sl 62.8).

"Levanta-te, clama de noite no princípio das vigílias; derrama o teu coração como água perante o Senhor; levanta a ele as tuas mãos, pela vida de teus filhinhos, que desfalecem de fome à entrada de todas as ruas" (Lm 2.19).

"Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28).

O título do Sl 102 é muito preciso quanto à prática do desabafo: "Oração do aflito que desfalecido, **derrama** o seu queixume perante o Senhor".

Os parceiros do desabafo

Aqui está uma questão muito séria: com quem desabafar. Não se pode desabafar com as paredes, com os móveis, com os objetos de uso pessoal, xingando, esmurrando, derrubando e quebrando as coisas. É preciso que haja um par de ouvidos para ouvir. Alguns dos amargurados de espírito se contentam com um par de ouvidos que finge que está ouvindo, tal a necessidade de desabafo. Nesta área há três tipos de desabafo:

1. Desabafo mútuo. É o desabafo entre marido e mulher, ligados pelo amor e pela carne. Entre pais e filhos, ligados pelo amor e pelo sangue. Entre irmãos na fé, ligados pelo amor e pela crença. Entre amigos, ligados pelo amor e pelo conhecimento. Estes são, ou deveriam ser, os parceiros naturais do desabafo: "Partilhem as dificuldades e problemas uns dos outros, obedecendo desta forma à ordem do nosso Senhor" (Gl 6.2 em A Bíblia Viva). Por terem se juntado a ele cerca de 400 homens em situação difícil e

amargurados de espírito, Davi deveria ser um excelente ouvidor de desabafos (1 Sm 22.2). Ele mesmo, naquela altura da vida, era um exilado político sob constante ameaça de morte.

2. Desabafo clínico. É o desabafo realizado diante de um conselheiro capacitado, de um ministro religioso, de um psicólogo, psicoterapeuta ou psiquiatra. Trata-se de uma assistência técnica, ora de ordem religiosa, ora de ordem médica, ora de ordem religiosa e médica.

3. Desabafo espiritual. É o desabafo feito diante de Deus em oração, tão seguro ou mais seguro do que qualquer outro, mesmo sendo um exercício essencialmente místico. Depende de um certo grau de confiança em Deus e de alguma experiência religiosa, como se vê nesta declaração de Davi quando se escondia de Saul numa caverna de En-Gedi: "Ao Senhor ergo a minha voz e clamo, com a minha voz suplico ao Senhor. **Derramo** perante ele a minha queixa, à sua presença **exponho** a minha tribulação" (Sl 142.1-2).

Desabafo não é pecado

Desabafo é desabafo. Portanto, não é de se estranhar a quantidade e a qualidade de coisas retiradas do coração na prática do desabafo. Quem desabafa precisa falar, precisa ficar solto, precisa ter liberdade. Ele está pondo para fora o que estava lá dentro. É possível que diga coisas absurdas, mas é melhor proferir absurdos do que armazenar e multiplicar absurdos na mente. Deus não se ofende quando ouve estas coisas nem pune quem se apresenta diante dele para chorar e queixar-se de sua situação. Em seus momentos mais difíceis, Elias não pediu a Deus a morte (1 Re 19.4)? Jonas não fez o mesmo (Jn 4.3)? No entanto, Deus tratou a ambos com acentuada compreensão.

O exemplo mais dramático de desabafo é o de Jó. Este homem da terra de Uz, que perdeu todos os bens, todos os filhos, toda a saúde e todos os admiradores, foi muito mais

longe que Elias e Jonas. Jó amaldiçoou a noite em que seu pai e sua mãe coabitaram e ele começou a existir, amaldiçoou a gravidez tranqüila e sem interrupção da mãe, amaldiçoou o seu dia natalício e os peitos carregados de leite materno que impediram a sua morte ao nascer (Jó 3.1-26). Jó quer morrer, quer parar de sofrer, não agüenta mais viver. Daí as perguntas próprias ao seu desabafo:

"Por que se concede luz ao miserável, e vida aos amargurados de ânimo, que esperam a morte e ela não vem?" (Jó 3.20).

"Por que esperar se já não tenho forças? Por que prolongar a vida se meu fim é certo?" (Jó 6.11).

"Por que me tiraste da madre? Ah! se eu morresse, antes que olhos nenhuns me vissem!" (Jó 10.18).

Embora não compreendido e repreendido por seus três amigos, Jó é considerado íntegro, reto e temente ao Senhor, aos olhos do próprio Deus (Jó 1.1,8 e 22; 2.3). O que ajudou a Jó a sobreviver foram os seus contínuos desabafos.

O desabafo de Ana

O mais detalhado desabafo da Bíblia é o de Ana, mulher de Elcana e mãe do extraordinário profeta Samuel. Ela tinha uma tremenda desvantagem física, a incapacidade de conceber e engravidar, numa época em que não ter filhos era a coisa mais humilhante possível para a mulher casada. A outra esposa do marido bígamo (Penina) se valia desse problema para a irritar excessivamente. O marido nada podia fazer. Ana começou a entrar em pânico e tornou-se candidata certa a um desequilíbrio emocional de graves proporções. Ela passou a ter freqüentes crises de choro e de anorexia. Então veio a idéia de um desabafo cheio e vigoroso diante de Deus. Aproveitando a visita anual da família a Silo para adorar e sacrificar ao Senhor, Ana permaneceu a sós no templo, onde chorou abundantemente e expôs a Deus o seu drama íntimo. Ela se demorou em orar, destampou a alma, derramando-a em oração, pôs para fora o excesso de sua ansiedade, suplicou a graça da concepção e

fez votos ao Senhor. A despeito da desnecessária e infeliz interferência do sacerdote Eli, que a teve por embriagada, Ana, ali mesmo no templo, colheu os benefícios do desabafo: perdeu o semblante triste e recuperou a vontade de se alimentar. Poucas semanas depois, a ausência da menstruação deixou-a convencida de que Deus ouvira também a sua súplica e lhe estava dando um filho (1 Sm 1.1-28).

A história do desabafo de Ana não para aí. É preciso acrescentar que ela se engravidou outras cinco vezes e que o primeiro filho foi um dos mais famosos homens de Deus do Velho Testamento (Jr 15.1), líder do reavivamento que tirou a nação do estado moral deplorável deixado pela inescrupulosa liderança dos filhos de Eli (1 Sm 2.12 - 7.17).

Outros desabafos

Qualquer problema que gera intraqüilidade é motivo de desabafo diante de Deus. A carta malcriada e desafiadora que o rei da Assíria enviou para o rei de Judá foi motivo para Ezequias subir à casa do Senhor e estender a carta diante de Deus em oração (2 Re 19.14-19). Algum tempo depois, o mesmo Ezequias adoece de uma enfermidade mortal e volta à prática do desabafo: ele chora, ora e reclama, e Deus ouve a sua oração, vê as suas lágrimas e restaura a sua saúde (2 Re 20.1-11).

No caso de Asafe, que era chefe da música no tempo de Davi (1 Cr 16.4-5) e autor de doze Salmos (50 e 73 a 83), o problema foi muito diferente e extremamente grave. Ele teve uma crise de fé tão séria que os seus pés quase se resvalaram e pouco faltou para que se desviassem os seus passos do caminho do Senhor (Sl 73.2). O que o salvou desta complexa e perigosa crise foi a prática do desabafo. Durante o desabafo no santuário de Deus, Asafe enxergou coisas que não tinha visto antes e recuperou a confiança anterior no Senhor (Sl 73.16-28).

CAPÍTULO 4

Prática da Confissão

A prática da confissão é a arte de se apresentar constantemente diante de Deus para se declarar culpado de pecados pessoais e específicos, depois de suficientemente alertado e repreendido pela boa consciência, pela Palavra de Deus e pelo Espírito, com o propósito de obter perdão e purificação, mediante a obra vicária de Jesus Cristo. A confissão verdadeira remove a crise provocada pelo pecado e restaura a comunhão perdida ou arranhada. A sua comprovação depende mais da fé do que de sentimentos. Por meio da contínua confissão de qualquer transgressão e de qualquer omissão é perfeitamente possível manter a higiene da alma.

A confissão de pecados é uma bênção e um direito outorgado por Deus para uso contínuo. Até que venha o Senhor e transforme "o nosso corpo de humilhação para ser igual ao corpo de sua glória" (Fp 3.21). É a providência divina para sanar as fraquezas cometidas ao longo da caminhada cristã: "Estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se,

todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados" (1 Jo 2.1-2.) Poucas coisas provocam tanto bem-estar como a prática da confissão: "Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada, cujo pecado é coberto" (Sl 32.1). Não obstante, é bom ficar bem claro que a confissão remove a culpa e a sujeira moral, mas não remove as conseqüências naturais do pecado, embora possa aliviá-las.

O texto bíblico que mais encoraja a prática da confissão é de João: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos **perdoar** os pecados e nos **purificar** de toda injustiça" (1 Jo 1.9). Se você acredita nesta dupla promessa - a promessa do perdão e a promessa da purificação - e faz a confissão devida, você pode e deve levantar-se de seus joelhos na certeza de que alcançou ambas as bênçãos.

O que confessar

Algumas pessoas têm dificuldade de confessar. Não sabem exatamente o que declarar diante de Deus. Porque a confissão deve ser consciente e precisa, aqui estão algumas lembranças:

1. *Confesse o pecado cometido.*

Deus exige que você confesse "aquilo em que pecou" (Lv 5.5). Cite-o pelo nome certo. Talvez seja a inveja, a maledicência, a dificuldade de perdoar, a irritação, a palavra impiedosa, a indelicadeza, o egoísmo, a soberba, a contenda, a lascívia, a falta de amor, a apropriação indébita, a profanação do nome de Deus, o mau trato dispensado ao cônjuge ou ao filho, a acepção de pessoas, a incredulidade para com Deus e muitas outras coisas. Declare sua falha, desobediência e culpa.

2. *Confesse a pecaminosidade latente.*

Embora você não tenha chegado ao ponto de satisfazer a vontade de pecar, é justo que você lamente diante de Deus o potencial pecaminoso de que é portador. Já é um transtorno e sinal de decadência a vontade de mentir, a vontade de adulterar, a vontade de aparecer, a vontade de roubar, a vontade de difamar. Neste caso, você confessa não o pecado cometido, mas o pecado desejado. Este tipo de confissão é saudável, pois revela que você tem consciência pessoal da queda, da vulnerabilidade e da necessidade do auxílio do alto. Observe como o salmista se queixa de alguma coisa que o acompanha sempre: "A minha dor está **sempre** perante mim" (Sl 38.17), "A minha ignomínia está **sempre** diante de mim" (Sl 44.15) e "O meu pecado está **sempre** diante de mim" (Sl 51.3). A melhor confissão da pecaminosidade latente foi escrita e assinada por Paulo e se encontra na Epístola aos Romanos: "Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum" (7.18).

3. *Confesse o seu envolvimento com a estrutura pecaminosa deste mundo e com os pecados dos outros.*

Muito mais freqüentemente do que pensamos, certas atitudes nossas provocam o pecado alheio e vice-versa. É muito fácil ser "cúmplice de pecados de outrem" (1 Tm 5.27). Os pais podem irritar os filhos, o marido bruto e egoísta pode levar à infidelidade a esposa, os patrões ricos e sovinas podem causar desânimo e rebeldia aos trabalhadores, os governos injustos podem provocar desobediência civil e anarquia. Esta quota de participação com o pecado geral precisa ser confessada. Isaías se declarou perdido porque era homem de lábios impuros e habitava "no meio dum povo de impuros lábios" (Is 6.6).

④ *Confesse as faltas que lhe são ocultas.*

Há pecados tão corriqueiros, costumeiros, generalizados que não são de imediato e fácil discernimento. Mesmo

assim devem ser confessados, a exemplo de Davi: "Quem sou eu para saber os pecados que se escondem em meu interior? Por favor, Senhor, perdoa estes meus pecados!" (Sl 19.12 em A Bíblia Viva). Junto com esta confissão, você deve fazer a súplica do Salmo 139: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno".

Formas de confissão

Tome cuidado com a confissão **formal**, generalizada demais, extremamente vaga, baseada em chavões, quase sempre desacompanhada de convicção real de pecado e de outro ingrediente indispensável, que é o arrependimento.

A confissão pode ser **individual** e **coletiva**. Na primeira, você usa o verbo na primeira pessoa do singular: "Eu pequei". É o caso de Davi: "**Pequei** contra o Senhor" (2 Sm 12.13). E também do principal personagem da parábola do filho pródigo: "Pai, **pequei** contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho" (Lc 15.21). Na segunda, você usa o verbo na primeira pessoa do plural: "Nós pecamos". É o caso de Neemias na cidadela de Susã, ao tomar conhecimento da situação de Jerusalém: "Eu e a casa de meu pai **temos pecado**" (Ne 1.6). Na confissão coletiva, cada um assume a sua própria culpa, como família (eu e meus filhos pecamos), como igreja (eu e meus irmãos pecamos) e como nação (eu e meus compatriotas pecamos).

A confissão pode ser ainda **normal** e **especial**. A primeira é a confissão de pecados e deslizes recentes, feita com o objetivo de manter a higiene da alma. Depende de uma constante e apurada sensibilidade e da prática da vigilância. A segunda é a confissão de pecados e deslizes acumulados, trazidos à tona em épocas de reavivamento. Depende de um mover poderoso do Espírito de Deus na igreja.

Obstáculos à confissão

O homem que cometeu adultério com Bateseba e mandou matar o marido dela admite que perdeu muito tempo enquanto calou os seus pecados. A mão de Deus pesava sobre ele dia e noite e o seu vigor se tornou em sequidão de estio. Ele precisava desesperadamente do perdão de Deus e da perfeita paz, que só viriam depois da confissão. Davi mesmo se prejudicou e se desgastou desnecessariamente, atrasando o processo da cura do pecado (Sl 32.1-5). É de todo necessário conhecer e analisar os obstáculos que tornam morosa e tardia a prática da confissão:

1. *Orgulho.*

O pecador não quer admitir que pecou e resiste ao processo que o levaria a ter convicção de pecado. Ele diz: "Não pequei", quando deveria dizer exatamente o contrário: "Pequei". O fariseu da parábola de Jesus chega a dar graças a Deus porque não era como os demais homens, nem ainda como aquele publicano que se declarava culpado diante de Deus (Lc 18.1-14). Tais pessoas preferem fugir a vida inteira da justiça divina, à semelhança de Caim: "Serei fugitivo e errante pela terra" (Gn 4.14).

2. *Consciência endurecida.*

O pecador não percebe o seu próprio pecado. Enxerga com facilidade e, às vezes com lentes de aumento, o pecado alheio, mas é incapaz de se ver "infeliz, miserável, pobre, cego e nu", como aconteceu com o anjo da igreja em Laodicéia (Ap 3.17). Este é um fenômeno comum. Quando acusado, o pecador sempre pergunta: "Por que nos ameaça o Senhor com todo este grande mal? qual é a nossa iniqüidade, qual é o nosso pecado, que cometemos contra o Senhor nosso Deus?" (Jr 16.10). Esta dificuldade leva o pecador às raias do cinismo: "Em que desprezamos o teu nome?", "Em

que o enfadamos?", "Em que havemos de tornar?", "Em que te roubamos?" e "Que temos falado contra ti?" (Ml 1.6, 2.17, 3.7,8 e 13).

③ *Medo de pecar outra vez.*

O pecador admite que pecou, mas já cometeu o mesmo pecado outras vezes e não está suficientemente seguro que não o cometerá mais. Então, ele prefere não confessar a reincidência. Ele teme o cinismo, o que é uma virtude. Acontece, porém que a falta de confissão, além de outros prejuízos, vai deixar a porta aberta ao pecado. Se houver arrependimento, nada impede que ele volte à confissão quantas vezes forem necessárias. Ora, se Jesus nos ensinou a perdoar "até setenta vezes sete" (Mt 18.22), não nos perdoaria o mesmo tanto se dele nos aproximarmos para dizer mais uma vez: "Estou arrependido" (Lc 17.3-4)?

④ *Noção de pecado.*

O pecador não sabe ao certo o que é pecado. Ele é capaz de coar o mosquito e engolir o camelo (Mt 23.24). Dá mais atenção à tradição cultural do que à Palavra de Deus (Mt 15.6). Às vezes, só enxerga o pecado sexual; outras, só toma conhecimento do pecado social. Para resolver esta dificuldade realmente séria é necessário recorrer ao conceito de pecado tão bem resumido nestas palavras: "Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão dessa lei".

Os alarmas de Deus

Assim como a febre anuncia a existência de uma anormalidade qualquer do organismo, Deus faz uso de alguns expedientes para levar o pecador à prática da confissão. Entre eles, é possível mencionar:

1. A diminuição ou a perda da paz de Cristo.

A paz interior e continuada é uma das maiores riquezas do evangelho: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou" (Jo 14.27). É sinal de comunhão perene com Deus e de confiança nele: "Tu conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme" (Is 26.3). Qualquer alteração desta paz pode indicar a presença de alguma coisa errada no comportamento. Daí a palavra de Paulo: "Seja a paz de Cristo o árbitro em vossos corações" (Cl 3.15).

2. A interrupção brusca da alegria.

A rigor, salvo algum momento de tribulação, a alegria é uma constante na vida do crente. Basta lembrar a famosa advertência de Paulo: "Alegrai-vos sempre no Senhor" (Fp 4.4). Mas a alegria não combina com o pecado: "Suporto tristeza por causa do meu pecado" (Sl 38.18). A escassês de alegria está relacionada com o pecado. Por esta razão, ao confessar o seu adultério com Bate-Seba, Davi suplica ao Sénhor: "Restitui-me a alegria da tua salvação" (Sl 51.12).

3. O desagradável senso de culpa e de sujidade espiritual.

Invariavelmente o servo de Deus que comete pecado sente em seguida, ou algum tempo depois, uma necessidade enorme de perdão e de purificação. A experiência de Davi foi muito marcante quanto à sensação de imundícia moral. Ele chegou a pedir a Deus: "Não me repulses da tua presença" (Sl 51.11). Suplicou também que o Senhor o lavasse completamente da sua iniqüidade e o purificasse de seu pecado (Sl 51.2), para que ele ficasse "mais alvo que a neve" (Sl 51.7).

4. A pressão da boa consciência.

Se a consciência não for de todo perdida nem danificada,

ela exerce um papel acusatório muito válido. Jesus aguçou a consciência daqueles escribas e fariseus que levaram à sua presença a mulher surpreendida em adultério, de tal modo que eles abandonaram o local um por um, a começar pelos mais velhos, deixando só Jesus e a mulher (Jo 8.9). A consciência pura gaba-se de feitos tremendos.

5. O peso da mão do Senhor.

A mão do Senhor abençoa (Ed 7.9, 8.18), mas também castiga (Ex 7.5, 1 Sm 5.6). A experiência de muitos coincide com a de Davi: "De dia e de noite sentia a mão de Deus pesando sobre mim, fazendo com as minhas forças o que a seca faz com um pequeno riacho" (Sl 32.4 em A Bíblia Viva). É esse estado de fraqueza que aproxima o pecador da prática da confissão.

6. A Ceia do Senhor.

Porque exige uma auto-sondagem - "Examine-se o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice" (1 Co 11.28) -, a celebração eucarística pode desencadear verdadeiras e preciosas confissões de pecado. Além de prevenir que a participação irresponsável da Ceia é perigosa (1 Co 11.27-30), o apóstolo mostra a grande vantagem da auto-avaliação do comungante na presença do Senhor: "Se vocês se examinarem cuidadosamente a si mesmos antes de comer, não precisarão ser julgados e punidos" (1 Co 11.31 em A Bíblia Viva).

7. O confronto com a santidade de Deus.

Um pequeno momento na presença da glória de Deus é suficiente para abalar profundamente qualquer pecador. Ele enxerga claramente tanto a santidade absoluta de Deus como a sua depravação pessoal. Então é capaz de reagir como Pedro: "Senhor, retira-te de mim, porque sou peca-

dor" (Lc 5.8). Por causa do pecado, o homem não suporta a glória do Senhor. O só ouvir a voz de Deus na transfiguração de Jesus, fez com que Pedro, Tiago e João caíssem de bruços, tomados de grande medo (Mt 17.6). O mesmo aconteceu com Gideão (Jz 6.22), com os pais de Sansão (Jz 13.20,22), com Isaías (Is 6.6) e com João na ilha de Patmos (Ap 1.17). Deus ainda se manifesta em glória, ora através de um texto sagrado, ora através de uma mensagem poderosa, ora através de uma experiência pessoal com o Senhor.

8. A palavra acusatória de alguém.

Em certos casos, os expedientes introspectivos até agora apresentados não dão resultado ou não funcionam sozinhos. É preciso que alguém diga ao pecador que ele pecou. Foi o que Natã fez com o rei Davi: "Tu és o homem" (2 Sm 12.7). Ou o que Elias fez com o rei Acabe (1 Re 21.29) e o que Paulo fez com Cefas (Gl 2.11-14).

9. O escândalo.

Os pecados ocultos podem ser confessados e perdoados sem que venham obrigatoriamente a público. Quando, porém, isto não acontece, a ocorrência do escândalo é uma necessidade. Trata-se de um expediente doloroso e de impacto, mas extremamente útil para acabar com o pecado secreto e provocar a necessária confissão: "Confessei-te o meu pecado e a minha iniqüidade não mais ocultei" (Sl 32.4). Só depois de ser nacionalmente responsabilizado pela derrota dos israelitas na tomada de Ai é que Acã confessou o seu crime: "Verdadeiramente pequei contra o Senhor Deus de Israel, e fiz assim e assim" (Js 7.20). Judá, um dos seis filhos de Jacó e Lia, só admitiu a hediondez de seu pecado e de sua hipocrisia quando o seu relacionamento carnal com a nora Tamar veio à tona: "Mais justa é ela do que eu" (Gn 38.26).

10. A disciplina eclesiástica.

Pode acontecer que o pecador não enxergue ou não se valha das várias oportunidades de confissão que Deus lhe dá. Neste caso, para o bem dele e da igreja, será necessária a disciplina eclesiástica. Esta medida terapêutica, embora extrema, quando bem feita, pode dar excelente resultado. O membro da igreja de Corinto que possuiu a mulher de seu próprio pai e que foi duramente disciplinado por Paulo (1 Co 5.1-5), alcançou mais tarde a bênção da plena restauração de seu vergonhoso comportamento (2 Co 2.5-11).

CAPÍTULO 5

Prática da Restauração

A prática da restauração é a arte de se colocar contritamente nas mãos do divino Oleiro para que ele refaça o vaso quebrado e lhe dê a forma e a beleza anteriores, depois de qualquer crise ou desastre de ordem religiosa. A restauração depende da submissão ao tratamento dispensado soberanamente por Deus e baseia-se na sua imensa misericórdia.

São os vasos quebrados que precisam parar nas mãos do Oleiro para serem outra vez modelados. Embora igualmente desinteressados, desintegrados e esvaziados de seu resplendor antigo, nem todos os vasos partidos têm a mesma história. Certamente eles se enquadrarão em um ou mais de um dos seguintes danos ou ocorrências:

1. Perda do primeiro amor.

Você está no fundo do poço porque perdeu gradativamente o entusiasmo, perdeu o gosto pela leitura da Bíblia,

perdeu a vontade de orar, perdeu o gozo da comunhão com Deus, perdeu a força da esperança cristã, perdeu a capacidade de crer, perdeu o poder da fé. Tornou-se frio, insensível, incrédulo e apático. Você trocou a Casa do Senhor (Sl 122.1) pela sua casa.

2. Perda das obrigações morais.

Você está no fundo do poço porque se desobrigou gradativamente dos mandamentos de Deus. Você se soltou. Fez concessões à carne, ao mundo e ao diabo. Ao invés de não se conformar com este mundo (Rm 12.2), você passou a não se conformar com a obrigação imposta por Jesus de negar-se a si mesmo (Lc 9.23). Você trocou o fruto do Espírito pelas obras da carne (Gl 5.16-24).

3. Perda da pureza doutrinária.

Você está no fundo do poço porque foi se distanciando gradativamente do compromisso doutrinário. Tudo começou quando você perdeu a noção da autoridade da Palavra de Deus. A partir daí você passou a crer no Jesus histórico e não no Verbo que se fez carne (Jo 1.14). Você passou a crer na reencarnação dos vivos e não na ressurreição dos mortos. Você passou a sobrecarregar cada vez mais os homens e a dispensar cada vez mais o concurso de Deus. Você trocou a glória de Deus pela glória dos homens, trocou a fé pelas obras.

4. Perda do senso de dependência.

Você está no fundo do poço porque se envaideceu gradativamente até ao ponto de acreditar que não precisa mais da sabedoria de Deus, da graça de Deus, do poder de Deus, da presença de Deus. Você pode tudo, você dá conta de tudo, você está sempre certo, a última palavra é sua. Você

não é a vara, mas a própria videira (Jo 15.5). Você trocou a plenitude de Deus pela plenitude de seu próprio eu.

A capacidade do Restaurador

Basta passar os olhos na história da redenção para você descobrir ou redescobrir a capacidade sem medida do Restaurador. Não importa o tamanho do estrago. Nem as diferentes áreas em que se deram os estragos.

1. Restauração física.

Deus restaura a saúde ao doente (Is 38.16), a vista ao cego (Lc 4.12), a fala ao mudo (Mc 7.35) e o juízo ao endemoninhado (Mc 5.15). Devolve à posição erecta a mulher por dezoito anos encurvada (Lc 13.13). Restaura a mão até então ressequida (Lc 6.10).

2. Restauração espiritual.

Deus restaura o homem da queda e do pecado, justificando-o, santificando-o e glorificando-o. Ressuscita-o de entre os mortos. Dá-lhe corpo novo, revestido de incorruptibilidade e de imortalidade (1 Co 15.53). Torna-o igual a Jesus Cristo (Rm 8.29-30, 2 Co 3.18, Fp 3.20-21, 1 Jo 3.2).

Marinho Rodrigues!

3. Restauração do culto.

Deus restaura o altar, o tabernáculo, o templo, os muros e a cidade de Jerusalém, as tribos de Israel e a glória de Jacó (Na 2.2). Restaura a sorte de Judá e de Israel, edificando-os como no princípio (Jr 33.7).

4. Restauração ecológica.

Deus restaura o planeta que o homem poluiu e estragou. Estende outra vez a camada de ozônio. Despolui rios, lagos,

mares, praias e oceanos. Replanta a flora e recria a fauna. Cria novos céus e nova terra (2 Pe 3.13). Redime a criação do cativeiro da corrupção "para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21).

5. Restauração final.

Deus em Cristo tira o pecado do mundo, refaz o que o homem fez de errado. A história não termina com a notícia de que "por um só homem **entrou** o pecado no mundo" (Rm 5.12), mas com a notícia de que Jesus é "o Cordeiro de Deus, que **tira** o pecado do mundo" (Jo 1.29).

A restauração de Davi

É quase inacreditável que um homem como Davi, a quem se atribui a autoria de 73 dos 150 Salmos, e que possuía certos traços de caráter muito especiais (1 Sm 24.6, 26.8-11, 2 Sm 23.13-17, 1 Cr 21.18-27), tenha descido tanto e cometido pecados tão grosseiros depois de uma carreira acentuadamente bem sucedida e depois de conquistar a admiração de todo o povo. Os pecados deste "mavioso salmista do Senhor" (2 Sm 23.1) não foram banais. Davi cometeu adultério com Bate-Seba, cujo esposo não era judeu, mas teria abraçado o judaísmo. Nesta ocasião, Urias, o heteu, mencionado como um dos trinta e sete valentes de Davi (2 Sm 23.39), achava-se ausente da esposa por estar a serviço do exército de Israel no assédio à Rabá (2 Sm 11.1). O segundo grande pecado de Davi foi o assassinato de Urias, "com a espada dos filhos de Amom" (2 Sm 12.9). Ele matou um homem virtuoso, que não aceitava privilégios se outros estivessem privados deles (2 Sm 11.6-13). Curiosamente, neste sentido, Urias era muito parecido com o rei - Davi também não quis beber a água do poço de Belém porque ela quase custou a vida de seus amigos (2 Sm 24.13-17). O terceiro grande pecado de Davi foi a conexão dos dois primeiros pecados com a hipocrisia. Ele não estava

interessado no bem-estar de Urias quando mandou buscá-lo da frente da batalha para Jerusalém: o rei queria apenas que ele se deitasse com a mulher para que a gravidez dela fosse atribuída ao esposo. O presente que Davi lhe deu era um instrumento para beneficiar o rei e não o valente oficial do exército. Pior de tudo foi a encenação de Joabe e de Davi para justificar a morte de Urias perante a opinião pública. Foi um caso de extrema corrupção, da qual Bate-Seba não parece estar isenta (2 Sm 11.6-27).

Ora, depois de tanta miséria, o autor do Salmo que descreve a onisciência e a onipotência de Deus (Sl 139) está em pandarecos (Sl 6.2-3), sob o peso esmagador da mão de Deus (Sl 32.4) e dentro de um tremedal de lama (Sl 40.2). Ele gasta pelo menos nove meses para reconhecer e confessar tudo de errado que havia feito (2 Sm 12.13, Sl 32.5). Suplica a misericórdia de Deus na forma de perdão para o pecado (Sl 6.1-7) e na forma de purificação para a injustiça (Sl 51.1-12). Aceita a morte da criança, o incesto de Amnon, as trapalhadas de Absalão, a provocação de Simei, a maldade de Aitofel, a morte de Absalão e a sedição de Seba - como conseqüências diretas ou indiretas de seu mau exemplo (2 Sm 12.10-12).

O processo de restauração tinha que incluir todos estes acontecimentos e demorou mais de dez anos. Ao cabo de tudo, Davi recupera o prestígio, a autoridade, o trono, a comunhão com Deus, a delicadeza de seu caráter, as bênçãos de Deus e a experiência de que "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5.20). É ele mesmo quem conta: "De todos os meus filhos, porque muitos filhos me deu o Senhor, escolheu ele a Salomão para se assentar no trono do reino do Senhor sobre Israel" (1 Cr 28.5). Ora, este Salomão era filho "da que fora mulher de Urias" (Mt 1.6). Criado pelo profeta Natã (2 Sm 12.25), o mesmo que acusou Davi de adultério, Salomão foi também escolhido por Deus para edificar o Templo do Senhor em Jerusalém (1 Cr 28.6). O ponto mais alto da graça de Deus, porém, está na presença de Davi e Bate-Seba na árvore genealógica de

Jesus Cristo, ao lado da virtuosa Maria e de algumas mulheres - Tamar, Raabe e Rute -, que jamais estariam ali se não fosse a maravilhosa e soberana graça de Deus (Mt 1.1-17). A Bíblia também registra que Davi "morreu em ditosa velhice, cheio de dias, riquezas e glória" (1 Cr 29.28). Talvez seja o exemplo mais extraordinário de restauração de toda a Escritura!

A restauração de Pedro

A maneira como Jesus restaurou a Pedro é uma verdadeira aula de psicologia e terapia pastoral. O apóstolo havia cometido vários erros: não levou a sério o aviso de Jesus de que o negaria por três vezes consecutivas, não se lembrou de que a temperatura do ambiente espiritual não é obrigatoriamente a mesma em circunstâncias diferentes (a diferença era enorme entre o Cenáculo e o Getsêmani) e emitiu cheques muito altos sem o necessário suprimento: "Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei" (Mt 26.35). Por causa desta falta de avaliação adequada e justa, Pedro negou o Senhor as três vezes consecutivas e ficou arrasado: "E, caindo em si, desatou a chorar" (Mc 14.72). Logo ele, a quem Jesus havia dito na presença de todos: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja" (Mt 16.18).

A pública restauração de Pedro se deu a menos de quarenta dias depois da ressurreição de Jesus, num cenário idêntico ao de sua chamada para ser pescador de homens, cerca de três anos antes (compare Lc 5.1.11 com Jo 21.1-23). Após a pesca maravilhosa e após a refeição, ali mesmo na praia, estando todos reunidos em torno do Senhor ressuscitado, sem mais nem menos, Jesus pergunta três vezes consecutivas a Pedro se ele o amava, dando ao apóstolo a oportunidade de declarar também por três vezes consecutivas em voz alta o seu amor por Jesus. A cada resposta de Pedro, o Senhor lhe dizia: "Apascenta as minhas ovelhas". No final daquele encontro, a tríplice indagação, a tríplice

declaração de amor e a tríplice comissão haviam cancelado emocionalmente a tríplice negação de Pedro, livrando-o da "excessiva tristeza" (2 Co 2.7), curando-o de qualquer complexo e tirando-o outra vez da pesca para o apostolado (Jo 21.15-23).

O caminho da restauração

Para sair do fundo do poço é preciso fazer alguma coisa. Não o impossível. Apenas o possível. O impossível corre por conta de Deus. São coisas simples, mas fundamentais:

1. *Entre com o desejo.*

Este é o início de todo o processo. O "eu não quero" (Sl 81.11, Ap 2.21) atrapalha tudo. Lembre-se do lamento de Jesus sobre Jerusalém: "Quantas vezes eu quis reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Mt 23.37). Mas até para querer é possível contar com o auxílio do Senhor: "Deus está operando em vocês, ajudando-os a desejar obedecer-lhe, e depois ajudando-os a fazer aquilo que ele quer" (Fp 2.13 em A Bíblia Viva).

2. *Entre com o pedido.*

Comece a orar perseverantemente para Deus o tirar "do poço da perdição, dum tremedal de lama" (Sl 40.2). Veja o tríplice pedido de restauração de Israel no Salmo 80, cada um dele encompridando o nome de Deus: "Restaura-nos, ó **Deus**" (v.3), "Restaura-nos, ó **Deus dos Exércitos**" (v.7) e "Restaura-nos, ó **Senhor Deus dos Exércitos**" (v.19).

3. *Lembre-se onde, quando e como começou a crise que o deixou no fundo do poço.*

Você precisa pegar o fio da meada outra vez. Foi este o

conselho de Jesus àquele que havia abandonado o seu primeiro amor: "Lembra-te de onde caíste" (Ap 2.5). Em outras palavras: assuma o que você fez de errado. Note bem, é preciso lembrar para confessar.

4. Confesse o iceberg todo.

Não é para confessar apenas o pecado mais grosseiro ou apenas os pecados mais leves. É preciso confessar tudo: a segurança demasiada, as brincadeiras "inocentes", as pequenas e grandes concessões, a falta de vigilância, a negligência devocional e o pecado de rebelião. Note bem, é preciso confessar para não mais lembrar.

5. Renove a aliança.

Você precisa voltar "à prática das primeiras obras" (Ap 2.5). Aquelas que você observava com zelo e com alegria no passado. Comprometa-se outra vez. Faça uma nova profissão de fé. Enfie de novo o pescoço debaixo do jugo libertador de Cristo: "Tomai sobre vós o meu jugo" (Mt 11.29).

6. Deixe o resto com Deus.

Este resto é o mais difícil, mas ele o fará. Deus vai curar as feridas, cuidar das cicatrizes, consertar os traumas, recuperar o tempo perdido, acabar com os complexos, comissionar outra vez, devolver a alegria perdida e acalmar o seu coração. Fique certo disso: "Entrega o teu caminho ao Senhor, confia nele, **e o mais ele fará**" (Sl 37.5).

CAPÍTULO 6

Prática da Humildade

A prática da humildade é a arte da contenção e privação da soberba e seus semelhantes: o orgulho, a vaidade, a jactância, a altivez de espírito, a auto-suficiência e a estima exagerada. Por sua natureza, a humildade tem que se alojar primeiro no íntimo para só depois se exteriorizar.

A humildade não é a negação pura e simples de dons, capacitação e virtudes pessoais, mas o sentimento constante da necessidade de Deus para se ter uma vida de vitória sobre o pecado e sobre as circunstâncias e cheia de frutos verdadeiros e saudáveis. Não é a mera rejeição de prêmios e coroas, mas a transferência destes para quem de direito, como aconteceu com os vinte e quatro anciãos no Apocalipse de João (Ap 4.9-11). Não é a auto-desclassificação, não é a renúncia da inteligência, da sabedoria, da experiência, da força de vontade e do trabalho árduo, mas a associação disto tudo com os recursos que promanam de Deus. Não é a inatividade, mas a atividade comandada e alimentada pela sabedoria e pela providência de Deus. Não há como

negar, a humildade é uma das virtudes mais difíceis e mais raras, possível apenas com auxílio do próprio Deus e pela zelosa imitação da humildade de Jesus.

A dificuldade da humildade decorre do fato de que ela tem que ser autêntica. Não pode ser aparente. Não pode ser fingida. Ou existe ou não existe. É uma virtude para Deus ver e não para o homem ver. Há pessoas soberbas que conseguem dar uma aparência de humildade, o que não tem valor nenhum diante de Deus. Há pessoas verdadeiramente humildes, mais interessadas na humildade interior, que eventualmente podem dar a impressão de que não são humildes. Certamente é o caso do salmista quando diz: "Compreendo mais do que todos os meus mestres, porque medito nos teus testemunhos. Sou mais entendido do que os idosos, porque guardo os teus preceitos". (Sl 119.99-100). Na verdade, o que o autor faz aí é uma apologia das Escrituras Sagradas e não de si mesmo. Este é o tema de todo o Salmo 119. É preciso tomar muito cuidado com a falsa humildade. A perfeita humildade de Jesus nunca foi sequer arranhada por frases como estas: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu" (Jo 6.51), "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8.12), "Eu sou o bom pastor" (Jo 10.11), "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30), "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo" (Jo 12.32) e "Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). São Bernardo tem, pois, toda razão quando define a virtude da humildade como "o mais perfeito conhecimento de nós mesmos".

A soberba é coisa séria

Mesmo na vida secular a soberba é tratada como algo perigoso. Diz-se com freqüência que a soberba tem sido um dos motivos de derrotas surpreendentes no mundo esportivo. Os eufóricos jogadores deixam a chuteira à beira do gramado e entram no campo de **salto alto**, comenta a torcida para zombar da auto-suficiência dos atletas. Para

contornar a soberba e manter o necessário equilíbrio, Victor Hugo, após ouvir os elogios dos amigos, lia os jornais que o enxovalhavam. E para evitar o pecado do orgulho de não terem transgredido, os monges de Cluny, na França do século 11, eram obrigados a se curvar diante dos que tinham transgredido.

A Bíblia trata com muita severidade o pecado da soberba. Eis aqui alguns exemplos:

1. A oração de Davi.

Se não tivesse convicção pessoal do perigo da soberba, Davi não teria feito esta súplica: "Também da soberba guarda o teu servo, que ela não me domine; então serei irrepreensível, e ficarei livre de **grande** transgressão" (Sl 19.13).

2. O provérbio de Salomão.

Uma das frases mais suscinta e mais sábia sobre o orgulho é da lavra de Salomão: "A soberba precede a ruína, e a altivez de espírito a queda" (Pv 16.18). A Bíblia Viva prefere parafrasear assim: "A desgraça está um passo depois do orgulho; logo depois da vaidade vem a queda".

3. A citação de Pedro.

Tanto Tiago (Tg 4.6) como Pedro (I Pe 5.5) trouxeram para o Novo Testamento outro provérbio de Salomão sobre a soberba: "No trato uns com os outros, cingi-vos todos de humildade, porque **Deus resiste aos soberbos, contudo aos humildes concede a sua graça**". O nosso comportamento nesta área determina a atuação de Deus.

4. O cântico de Maria.

Por ter sido escolhida para ser a mãe de Jesus, Maria ficou impressionadíssima com o trato que Deus dispensa aos soberbos de um lado e aos humildes do outro. O Poderoso **dispersou** os que no coração alimentavam pensamentos soberbos, **derrubou** de seus tronos os poderosos e **despediu** vazios os ricos. Todavia exaltou os humildes, **encheu** de bens os famintos e amparou a Israel (Lc 1.46-55). O anjo Gabriel disse que ela era "**muito favorecida**" (Lc 1.28), Isabel disse que ela era "**bendita** entre as mulheres" (Lc 1.42) e as gerações futuras diriam que ela era uma mulher **bem-aventurada** (Lc 1.48), mas Maria se dizia "**serva do Senhor**" (Lc 1.38,48).

Tratamento de choque

A soberba é um problema tão sério que exige uma série de medidas de caráter radical para acabar com a doença. Veja estes dois exemplos:

1. O caso do Egito.

Foram necessários quarenta anos de desolação e dispersão para curar a soberba do Egito e tornar o país "o mais humilde dos reinos". A vaidade de Faraó desta época era tanta que ele dizia a respeito do rio Nilo: "O rio é meu, e eu o fiz para mim mesmo" (Ez 29.1-16).

2. O caso de Nabucodonosor.

A soberba do rei da Babilônia foi semelhante a do rei do Egito. Mesmo prevenido em sonhos por Deus com um ano de antecedência e exortado por Daniel a pôr termo em seus pecados pela prática da justiça, Nabucodonosor não se humilhou diante do Senhor: "Não é esta a grande Babilônia que **eu** edifiquei para a casa real, com o **meu** grandioso poder, e para glória da **minh**a majestade?" Logo após proferir tais palavras cheias de arrogância, cumpriu-se a

profecia do Senhor e a árvore cuja altura chegava até ao céu foi de súbito derrubada: Nabucodonosor teve um distúrbio mental que o levou a passar algum tempo na companhia dos animais do campo, como se fosse um deles, até aprender que o "Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer" e "pode humilhar aos que andam na soberba" (Dn 4.1-37).

Prevenção da soberba

Outro expediente que mostra a seriedade e o malefício da soberba foi o cuidado de Deus em colocar em Paulo o estranho mas eficaz espinho na carne, que no entendimento do apóstolo era "mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte". (A paráfrase da Bíblia Viva diz: "Deus ficou receoso de que eu me inchasse".)

Todos os homens são propensos à vaidade, sobretudo depois do sucesso, depois de certos privilégios, depois dos elogios. Paulo não era excessão à regra. Ele havia sido arrebatado ao terceiro céu e ouvido palavras inefáveis. O espinho na carne, embora incômodo e humilhante, tinha o propósito de reduzir o risco de Paulo começar a chamar a atenção dos outros para si mesmo e para aquela experiência inaudita. O apóstolo por três vezes orou ao Senhor para que o retirasse e por três vezes Deus não satisfez o seu desejo e lhe disse: "O meu poder se aperfeiçoa na fraqueza". Ao final, Paulo entendeu o que estava acontecendo e aceitou alegremente as regras do jogo: "Quando estou fraco, então sou forte - quanto menos tenho, mais dependo dele" (2 Co 12.10 em A Bíblia Viva). Graças a esta medida preventiva, Paulo nunca foi encostado, nunca deixou de produzir frutos, nunca cometeu escândalo. "O primeiro passo rumo à humildade", lembra C. S. Lewis, "é o reconhecimento do nosso orgulho". Os espinhos na carne que Deus distribui por aí ajudam os homens a recusar vezes sem conta o pedestal que a cultura mundana associada à vontade de aparecer quer construir para eles.

Sucesso com humildade

O sucesso faz parte dos planos de Deus para o homem. Sucesso na vida devocional, no matrimônio, na criação e educação dos filhos, nas relações humanas, no exercício da profissão e no desempenho dos dons do Espírito. Deste sucesso global depende, sob a perspectiva humana, a velocidade da implantação e da plenitude do reino de Deus na terra. Uma vez satisfeitas todas as exigências de Deus, o sucesso está garantido: "Tão-somente sê forte e mui corajoso para teres o cuidado de fazer segundo toda lei que meu servo Moisés te ordenou: dela não te desvies, nem para a direita nem para a esquerda, **para que sejas bem sucedido por onde quer que andares**" (Js 1.7). Na verdade, o sucesso é inevitável para quem está plantado junto às águas: "Tudo quanto ele faz será bem sucedido" (Sl 1.3). Esta promessa não se encontra apenas no Velho Testamento. Jesus chegou a dizer que o sucesso de seus discípulos é uma das expressões de louvor a Deus: "Nisto é glorificado meu Pai, em que deis **muito** fruto" (Jo 17.8).

Todavia há algumas coisas que devem ser cuidadosamente lembradas:

1. O papel da videira.

O sucesso está condicionado ao relacionamento pessoal e permanente com Jesus: "Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, **esse** dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer" (Jo 17.5). Paulo também fala sobre isto: "Graças a Deus que em Cristo **sempre** nos conduz em triunfo, e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento" (2 Co 2.14). Assim como a locomotiva movida a eletricidade não corre se não estiver continuamente se encostando num fio de alta tensão, o crente não anda e não produz nada se não estiver ligado à fonte de todo poder, que é Deus. Esta é a experiên-

cia de Paulo: "Tudo posso **naquele** que me fortalece" (Fp 4.13).

2. O papel da humildade.

Porque impede o desenvolvimento da auto-suficiência e leva o crente a buscar constantemente a direção, o auxílio e bênção de Deus, a verdadeira humildade redunda numa vida bem sucedida. Daí o raciocínio de Paulo: "Quando sou fraco, então é que sou forte" (2 Co 12.10). A explicação que a Bíblia dá para o fenomenal sucesso de José em qualquer lugar (na casa de Potifar, no cárcere e no trono do Egito) e em qualquer circunstância (amado, invejado, caluniado e honrado) é sempre a mesma: "O Senhor era com José" (Gn 39.2, 3, 21, 23). A expressão é aplicada também ao sucesso de Davi: "O Senhor era com Davi" (1 Sm 18.12, 14, 28; 2 Sm 5.10, 7.3, 8.14).

3. O papel da vigilância.

Se a humildade não for prudentemente mantida, com certeza o sucesso fomentará a soberba e esta, por sua vez, a ruína. Assim, uma história de sucesso vai inexoravelmente por água abaixo. É neste caso que o sucesso leva ao fracasso. Daí o cuidado de algumas pessoas em proclamar não as suas virtudes mas as grandezas do Senhor: "Para muitos sou como um portento, mas tu és o meu forte refúgio" (Sl 71.7), "Se não fora o auxílio do Senhor, já a minha alma estaria na região do silêncio" (Sl 94.17), "Não fosse o Senhor, que esteve ao nosso lado, as águas nos teriam submergido" (Sl 124.1-5) e "A nossa suficiência vem de Deus" (2 Co 3.5). Como prevenção contra a soberba, o povo de Israel deveria ter em memória permanente os benefícios do Senhor: "Não digas no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas" (Dt 8.17).

Humildade sem medo

Muitos têm medo da humildade. Acreditam que ela não leva a nada, não produz resultado algum, é perda de tempo, é nadar contra a correnteza, é expôr-se à exploração alheia. O medo decorre da lei do mais forte que prevalece desde a queda do homem e cada vez mais se amplia. A cultura mundana valoriza a soberba e não a humildade. Dá mais valor à roupa, ao nome, aos títulos, aos diplomas, aos anéis, ao dinheiro, ao **status** social, à pose, ao poder, e não reconhece o valor da piedade, da religiosidade, da santidade de vida e da modéstia cristã. Daí o medo de ser esmagado pela multidão ao tentar sair dela e ser diferente. Embora até certo ponto razoável, o medo da humildade desaparece quando o crente se conscientiza de que ela é de fato a chave do verdadeiro sucesso e de que, na difícil prática da humildade, ele pode contar com a proteção da poderosa mão de Deus: "Sejam humildes **debaixo** da poderosa mão de Deus para que ele os honre no tempo certo" (1 Pe 5.6). Entre ser honrado aqui e agora pelos homens e ser honrado por Deus, a diferença é enorme. A humildade também tem galardão, tanto nesta vida como na que há de ser. É melhor perder qualquer medo!

CAPÍTULO 7

Prática da Instrospecção

A prática da introspecção é a arte de investigar-se acuradamente a si mesmo com o propósito de localizar os erros e os acertos, as qualidades boas e as qualidades más, a virtude e o pecado, o sucesso e o fracasso, sempre sob a perspectiva cristã. Embora a Bíblia ensine e reforce o valor da auto-sondagem, não se pode dispensar a sondagem realizada pelo próprio Deus, em resposta à oração.

Depois do **Pai Nosso**, a oração talvez mais repetida pelos cristãos é a famosa oração do rei Davi: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau, e guia-me pelo caminho eterno" (Sl 139.23-34). É bom notar que no início do Salmo, Davi reconhece a plenitude da onisciência de Deus e por esta razão faz as seguintes asseverações: "tu me sondas e me conheces", "Sabes quando me assento e quando me levanto", "De longe penetras os meus pensamentos", "Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, Senhor, já a conheces toda" e "Tal conhecimento é mara-

vilhoso demais para mim" (Sl 139.1-6). É muito provável que este pedido de sondagem esteja intimamente relacionado com a tremenda dificuldade do salmista em admitir plenamente o grave pecado que ele cometeu contra Urias, contra a família, contra o povo e contra Deus por ocasião de seu adultério com Bate-Seba (2 Sm 12.1-15). A prática da introspecção é em extremo necessária por causa da dificuldade nata que todos temos de admitir e nomear as próprias faltas: "Quem há que possa discernir as próprias faltas?" (Sl 19.12).

Os verbos da introspecção

Há pelo menos quatro verbos nas Sagradas Escrituras que expressam a ação da investigação do conteúdo humano, de seu comportamento, de suas tendências, de seus desejos e de seus segredos. Embora não sejam sinônimos perfeitos, todos eles levam à introspecção.

1. O primeiro é **examinar** e denota a ação de considerar, investigar, observar, analisar atenta e minuciosamente. É usado nas instruções para a celebração da Ceia do Senhor: "Examine-se o homem a si mesmo, e assim coma do pão e beba do cálice" (1 Co 11.28). O mesmo verbo aparece nesta exortação: "Concentra-te e examina-te, ó nação, que não tens pudor, antes que venha sobre ti o furor da ira do Senhor" (Sf 2.1).

2. O segundo é **esquadrinhar** e denota a ação de investigar a área toda miudamente, pedaço por pedaço, quadrinho por quadrinho. No Salmo 10 lê-se que Deus esquadrinha a maldade do perverso **até nada mais achar** (v.10). O autor do famoso Salmo 139 diz: "Esquadrinhas o meu andar" (o homem na posição vertical, na parte clara do dia) "e o meu deitar" (o homem na posição horizontal, na parte escura do dia), "e conheces todos os meus caminhos" (v.3).

3. O terceiro é **sondar** e denota a ação de examinar profundamente todo o interior, como se fosse com o auxílio

de uma sonda, este aparelho com o qual é possível conhecer o fundo do mar, o subsolo, a atmosfera (sonda metereológica), o espaço (sonda espacial), a lua (sonda lunar) e o organismo (sonda uretral, sonda vesical, etc). Daí a súplica do salmista: "Sonda-me (enfia uma sonda dentre de mim), ó Deus, e conhece o meu coração" (Sl 139.23). Salomão ensina que a sondagem de Deus é mais válida que a autocrítica: "Todo caminho do homem é reto aos seus próprios olhos, mas o Senhor sonda os corações" (Pv 21.2).

4. O quarto verbo é **provar** e denota a ação de submeter a pessoa a um teste qualquer para ver como ela pensa, sente e reage. Assim como o crisol prova a prata e o forno o ouro, o Senhor prova os corações (Pv 17.3). O que aconteceu com Abraão no monte Moriá foi uma prova gigantesca, da qual o patriarca saiu vencedor e tremendamente fortalecido: "Pela fé Abraão, quando foi posto à prova, ofereceu Isaque" (Hb 11.17).

Áreas de sondagem

Para você se conhecer a si mesmo, a sondagem tem que ser ampla e profunda. Nenhuma área de sua vida deve ser poupada deste exame meticuloso, porque numa delas pode estar alojado o foco da infecção moral de que você é possuidor. Faça um exame completo, sem medo, sem reservas. Sem diagnóstico não há tratamento e sem tratamento não há cura.

1. É preciso sondar a ***nascente de tudo.***

Na linguagem do profeta Jeremias, Deus é capaz de provar "o mais íntimo do coração" (Jr 11.20). É dele que "procedem as fontes da vida" (Pv 4.23). Daí a conhecida oração: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração" (Sl 139.23).

2. É preciso sondar as ***razões pessoais.***

Por que penso assim? Por que falo assim? Por que me comporto assim? Por que ajo assim? Nem sempre a motivação é pura. Nem sempre conhecemos a verdadeira motivação. Por exemplo, os que pregam o evangelho nem sempre o fazem por amor a Cristo ou por causa da condenação eterna dos que se perdem, mas "por inveja e porfia", como registra o apóstolo Paulo (Fp 1.15).

*3. É preciso sondar as **reações** a que estamos sujeitos.*

Reação é resposta que você dá "a uma ação qualquer por meio de outra ação que tende a anular a precedente" (Aurélio). O estudo de nossas reações revela o conteúdo de nossa espiritualidade. Veja a reação de Caim quando Deus não se agradou de sua oferta (Gn 4.5), a reação de Lameque quando um rapaz lhe pisou (Gn 4.23), a reação de Moisés quando viu a adoração do bezerro de ouro (Ex 32.11) e a reação do jovem rico quando Jesus ordenou que ele vendesse os seus bens em favor dos pobres (Mc 10.22).

*4. É preciso sondar a **consciência.***

Nem sempre é seguro apoiar-se na consciência. Com o apoio dela você pode fazer bobagens e cometer erros graves. Lembre-se que a consciência pode ser boa (1 Tm 1.5), limpa (1 Tm 3.9) e pura (2 Tm 1.3) e **também** fraca (1 Co 8.7), corrompida (Tt 1.15) e cauterizada (1 Tm 4.2).

*5. É preciso sondar o **caráter.***

O seu modo tradicional de ser, de sentir e de agir inclui só qualidades boas? Não havia em todo Israel homem tão celebrado por sua beleza e perfeição física quanto Absalão, mas este filho de Davi tinha um péssimo caráter (2 Sm 14.25). Já Timóteo não parecia fisicamente muito saudável (1 Tm 5.23), mas possuía um caráter provado (Fp 2.22).

6. É preciso sondar a fé.

Veja a exortação: "Examinai-vos a vós mesmos se **realmente** estais na fé" (2 Co 13.5). Pode dar-se o caso de você ter fé sem obras (Tg 2.14), pequena fé (Mt 6.30) ou fé nenhuma (Mt 13.58). Como também pode dar-se o càso contrário de você ter fé sem hipocrisia (1 Tm 1.5), grande fé (Mt 15.28) ou estar cheio de fé (At 6.5). Investigue a qualidade e o nível de sua fé.

7. É preciso sondar o amor.

O amor a Deus e ao próximo é de suma importância. Dele dependem "toda a Lei e os profetas" (Mt 22.40). Deus nos submete a testes para provar a sinceridade, o tamanho e a força de nosso amor. O amor não pode ficar só em palavras - o próprio Deus diz que ama e prova esse amor "pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8). Deixe que de vez em quando Jesus lhe faça a mesma pergunta dirigida a Pedro: "Tu me amas?" (Jo 21.15).

*8. É preciso sondar o **trabalho**.*

Por vezes há mais palavras do que ação, há mais planejamento do que execução, há mais promessas do que esforço, há mais relatórios do que atividade, há mais dispersão do que concentração, há mais foguetório do que amor, há mais ambição do que prestação de serviço. São riscos a que você está sujeito. Daí a validade da exortação: "Prove cada um o seu labor" (Gl 6.4). Esta sondagem deve ser levada muito a sério à vista da seleção que Deus há de fazer de nossas obras no dia de Cristo: o que for comparado à madeira, feno e palha há de ser destruído pelo fogo, e o que for comparado a ouro, prata e pedras preciosas há de ser preservado (1 Co 3.10-15).

*9. É preciso sondar o **comportamento diário**.*

O que você pensou hoje, o que você viu e ouviu hoje e o que você fez hoje - foi tudo do agrado de Deus? A santificação progressiva depende deste cuidado, desta avaliação, desta sondagem. Sem ela não pode haver confissão de pecado e restauração. É a sondagem bem feita que nos transporta do caminho mau para o caminho eterno (Sl 139.24).

Sondagem de cima

As Escrituras atribuem o exercício da sondagem especialmente a partir da atuação de Deus. É ele quem esquadrinha (Sl 139.1-6), quem sonda (Ap 2.23) e quem prova (Sl 11.5). É a sondagem mais séria, mais profunda, mais completa, mais justa e mais confiável. Deus é o sondador por excelência: "Todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mente e corações" (Ap 2.23). Ele provoca, incita, excita e leva a cabo a prática da introspecção. Deus é extremamente sábio, eficiente e original no exercício desta misericórdia.

1. Uma simples **pergunta** de Deus é suficiente para levar alguém a conhecer-se a si mesmo. Foi assim com Adão: "Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comêsseis?" (Gn 3.11). Foi assim com Caim: "Por que andas irado? e por que descaiu o teu semblante?" e ainda: "Onde está Abel, teu irmão?" (Gn 4.6,9). Foi assim com Elias, quando o profeta estava profundamente desanimado no interior de uma caverna do monte Horebe: "Que fazes aqui, Elias?" (1 Rs 19.9,13). Foi assim com Jonas: "É razoável essa tua ira?" (Jn 4.4). Foi assim com o leproso agradecido: "Não eram dez os que foram curados? Onde estão os nove?" (Lc 17.17). Foi assim com Pedro: "Amas-me mais do que estes outros?" (Jo 21.15).

2. Outras vezes, Deus produz o mesmo resultado através de uma **ordem** qualquer, aparentemente sem muito nexo. Foi assim com a mulher samaritana: "Vai, chama o teu marido e vem cá", e deu certo, pois a mulher trouxe à baila

a sua vida irregular: "Não tenho marido" (Jo 4.16-18). Foi assim com o jovem rico: "Vai, vende tudo o que tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; então vem, e segue-me", e deu certo, pois o moço deve ter enxergado a distância que ainda o separava da vida eterna, não obstante o seu compromisso moral com o Decálogo (Mc 10.21-22).

Auto-sondagem e sondagem alheia

O homem, porém, não está isento da auto-sondagem. Tem a obrigação de examinar-se a si mesmo (1 Co 11.8), esquadrinhar os seus caminhos (Lm 3.40) e provar o seu labor (Gl 6.4). Para tanto é necessário parar de mentir a si próprio, acabar com as eternas desculpas, confessar tudo que sabe de errado, cultivar a capacidade de ouvir repreensões, preocupar-se primeiro com a trave que está em seu próprio olho e depois com o argueiro que está no olho de seu irmão (Mt 7.3) e dar-se ao trabalho de conhecer o seu íntimo.

Em alguns casos a sondagem se inicia e até mesmo se desenrola através da participação de um parente, amigo, irmão na fé ou guia religioso. Davi precisou do profeta Natã para tomar conhecimento de sua grave crise espiritual (2 Sm 12.1-15). Daí a validade da mútua exortação preconizada na Epístola aos Hebreus: "Exortai-vos mutuamente, cada dia, durante o tempo que se chama Hoje, a fim de que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado" (3.13).

Precisamos temer o endurecimento progressivo. Ele provoca a perda da sensibilidade espiritual. É o caso do pastor da igreja em Laodicéia, que se dizia rico e abastado quando, na verdade, era "infeliz, miserável, pobre, cego e nu". Este personagem é aconselhado a usar colírio para enxergar-se, antes que fosse definitivamente vomitado da boca de Deus (Ap 3.14-22).

CAPÍTULO 8

Prática da Vigilância

A prática da vigilância é a arte de estar atento, estar de sobreaviso, estar de sentinela, estar apercebido contra qualquer perigo que põe em risco a perfeita comunhão com Deus. Depende primeiramente de uma avaliação pessoal nem muito otimista nem muito pessimista. Ordenado por Jesus Cristo, é um exercício de natureza preventiva, que associa a humildade com a prudência, muito bem expressa nesta advertência: "Aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair" (1 Co 10.13 em A Bíblia de Jerusalém). A vigilância não pode ser confundida nem com o medo nem com a ansiedade. É apenas uma dose equilibrada de cuidado com a soberana e completa vontade de Deus.

Para proteger o gado, a lavoura e os centros urbanos, os judeus construíam as chamadas torres de vigia. Elas eram encontradas nos pastos (Mq 4.8), nas vinhas (Is 5.2) e nas cidades (SI 127.1). Em alguns casos, uma torre distanciava-se da outra apenas trinta e dois metros, para melhor segu-

rança da população. De forma quadrada ou cilíndrica, as torres eram construídas a dois metros à frente do muro ou em cima deste. Na época de Esdras e Neemias, havia uma torre em Jerusalém chamada a Torre dos Cem - talvez porque tivesse cem côvados de altura, ou porque fosse alcançada por uma escada de cem degraus, ou ainda porque reunisse uma guarnição de cem homens (Ne 3.9). As torres serviam de proteção contra animais selvagens, ladrões e exércitos invasores. A vigilância era de dia e de noite e os guardas ansiavam pelo romper da manhã (Sl 130.6). A necessidade de vigilância estava tão arraigada que, ao plantar uma vinha, era costume construir não só a cerca e o lagar, mas também a torre de vigia, assegurando assim a posse dos frutos (Mt 21.23).

Vigilância espiritual

Jesus insiste muito na prática da vigilância. O imperativo "**vigiai**" aparece três vezes na parábola da figueira (Mc 13.32, 35 e 37), uma vez na parábola das dez virgens (Mt 25.13) e duas vezes na cena do Getsêmani (Mc 14.34 e 38). O texto de Mc 13.37 é muito enfático: "O que, porém, vos digo, **digo a todos: Vigiai!**"

A ordem de vigiar não está apenas no ensino de Jesus. Paulo dirige-a aos presbíteros de Éfeso (At 20.31) e às igrejas de Corinto (1 Co 16.13) e Tessalônica (1 Ts 5.6). Aos cristãos judeus expulsos de Jerusalém e espalhados pelo Porto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, Pedro escreve: "Sede sóbrios e **vigilantes**" (1 Pe 5.8). A igreja em Sardes recebe a mesma exortação (Ap 3.2). Depois de glorificado, Jesus declara que é "bem-aventurado aquele que **vigia** e guarda as suas vestes, para não andar nu, e não se veja a sua vergonha" (Ap 16.15).

Torres e cisternas

Jesus associou o verbo vigiar com o verbo orar: "Vigiai e

orai, para que não entreis em tentação: o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26.41). São duas atividades que se misturam e se completam. Não basta orar: é preciso vigiar cuidadosamente. Não basta vigiar: é preciso orar para alcançar sabedoria e poder para vencer tentações e provações.

A Bíblia diz que o rei Uzias edificou torres de vigia no deserto e cavou muitas cisternas, porque tinha muito gado, tanto nos vales como nas campinas (2 Cr 26.10). Esta associação entre torres e cisternas coincide com a associação entre vigiar e orar. O gado de Uzias precisava de proteção e de água. O rebanho de Deus também precisa de vigilância e de comunhão. De vigilância, para não ser despedaçado por lobos vorazes (At 20.29) e levado por ladrões que roubam, matam e destroem (Jo 10.10). De comunhão, para matar a sede profunda de Deus (Sl 130.6). Vigiar sem orar seria muito cansativo e poderia redundar em perniciosa arrogância. Orar sem vigiar seria uma temeridade.

Áreas de vigilância

1. **É preciso vigiar a passagem obrigatória da palavra**: "Põe guarda, Senhor, à minha boca; vigia a porta dos meus lábios" (Sl 141.3).
2. **É preciso vigiar a mente**: "Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (Fp 4.8).
3. **É preciso vigiar o olhar**: "Não porei uma coisa vil diante dos meus olhos" (Sl 101.3 em A Bíblia de Jerusalém).
4. **É preciso vigiar o patrimônio religioso**: "Segura com firmeza o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Ap 3.11 em A Bíblia de Jerusalém).
5. **É preciso vigiar o trato dispensado ao sexo oposto**: "Trata as mulheres mais moças como irmãs, com toda a pureza" (1 Tm 5.2 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

6. **É preciso vigiar o tempo**: "Aproveitem bem o tempo porque os dias em que vivemos são maus" (Ef 5.16 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

7. **É preciso vigiar as oportunidades**: "Se você pode se tornar livre, então aproveite a oportunidade" (1 Co 7.21 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

8. **É preciso vigiar o amor**: "Tenho contra ti que abandonaste o teu primeiro amor" (Ap 2.4).

9. **É preciso vigiar a fé**: "Examinem-se para ver se estão firmes na fé; façam a prova vocês mesmos" (2 Co 13.5 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

10. **É preciso vigiar as intenções, os meios, a qualidade do trabalho, a correção doutrinária e até o zelo**: "Procura apresentar-te a Deus, aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade" (2 Tm 2.15).

11. **É preciso vigiar as coisas tidas de somenos importância**: "Peguem as raposas, apanhem as raposinhas, antes que elas estraguem a nossa plantação de uvas, que está em flor" (Ct 2.15 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

12. **É preciso vigiar especialmente os calcanhares de Aquiles**, aquelas áreas mais vulneráveis que estão no fundo do coração humano: "O que sai do homem, isso é o que o contamina" (Mc 7.20).

CAPÍTULO 9

Prática do Discernimento

A prática do discernimento é a arte de distingüir com a maior precisão possível entre duas ou mais coisas, cujas diferenças nem sempre aparecem à primeira vista. Sem a prática do discernimento é possível chamar o mal de bem e o bem de mal, a escuridão de claridade e a claridade de escuridão, o amargo de doce e o doce de amargo (Is 5.20).

O assunto é de tanta complexidade e importância que Salomão, logo que assumiu o trono de Israel, levou-o em oração a Deus: "Dá a teu servo coração compreensivo para julgar o teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal" (1 Rs 3.9).

Áreas de discernimento

1. É preciso discernir entre o bem e o mal.

Nem sempre o mal parece mal, nem sempre o bem parece bem. Uma das tarefas dos sacerdotes na história do povo

de Israel era ensinar-lhe a distingüir entre o santo e o profano, entre o imundo e o limpo (Ez 44.23). Mas em época de decadência, até os sacerdotes tinham dificuldade de enxergar a diferença entre uma coisa e outra (Ez 22.26).

2. *É preciso discernir entre o falso e o verdadeiro.*

O falso é falso. Não é verdadeiro. Mas sempre tem semelhanças com o verdadeiro, para passar por verdadeiro, sem ser verdadeiro. Aqui está uma área de muito risco: agarrar-se ao falso e deixar escapar o verdadeiro. Há uma porção de coisas falsas, desde falso testemunho (Ex 20.16) até espírito falso (1 Rs 22.20-23, 1 Jo 4.1). Entre um e outro, há notícias falsas (Ex 23.1), falsa acusação (Ex 23.7), falso juramento (Lv 6.3), língua falsa (Pv 21.5), falsa pena (Jr 8.8), visão falsa (Jr 14.14), falsa circuncisão (Fp 3.2), falsa humildade (Cl 2.23), falsos irmãos (2 Co 11.26), falsos profetas (Mt 7.15, 24.11), falsos mestres (2 Pe 2.1), falsos apóstolos (2 Co 11.13) e falsos cristos (Mt 24.24).

3. *É preciso discernir entre a vontade própria e a vontade de Deus.*

Nem sempre a vontade própria expressa a vontade de Deus. Muitas vezes uma é contrária a outra. Mas para justificar-se e acalmar a consciência, é fácil chamar a vontade própria de vontade de Deus. José soube discernir perfeitamente a vontade própria, despertada pela sedução da mulher de Potifar, da vontade de Deus e realilzou esta e não aquela (Gn 39.7-12). Talvez fosse da vontade própria de Davi vingar-se de Saul e tirar-lhe a vida, mas a vontade de Deus era outra e não essa (1 Sm 24.1-7). Quando não se faz a distinção entre a vontade pessoal e a vontade de Deus a desobediência é certa.

4. É preciso discernir entre a falta alheia e a falta própria.

Com muita facilidade e com muito risco enxerga-se a falta alheia, enquanto que a falta própria passa desapercebida (Sl 19.12). Foi o que aconteceu com Davi ao ser confrontado por Natã. Com incrível rapidez o salmista discerniu a injustiça do homem rico da parábola do profeta e nem passou por sua cabeça que a ele se referia a dura acusação (2 Sm 12.1-6). Judá, um dos doze filhos de Jacó, discerniu claramente o pecado da nora Tamar e chegou a condená-la à morte, mas não enxergou o seu próprio pecado, senão depois de acusado (Gn 38.12-26).

5. É preciso discernir entre os acontecimentos comuns e os grandes momentos de Deus.

A destruição de Jerusalém aconteceu porque os judeus "não reconheceram a oportunidade da sua visitação" (Lc 19.44). O Verbo, que estava com Deus e era Deus, fez-se carne e "veio para o que era seu", mas "os seus não o receberam" (Jo 1.11). Há dias especiais no calendário de Deus, que devem ser conhecidos e distingüidos dos dias comuns. A importância destes dias é que eles são "o dia dos humildes começos" (Zc 4.10).

O trigo e o joio

Há dois elementos que tornam a prática do discernimento bastante difícil. Um é o pecado, que confunde, que cega e que cauteriza. Outro é a atuação satânica que ilude, que engana e que torna o mal parecido com o bem. O ímpio é capaz de abjurar o discernimento e a prática do bem (Sl 26.3) e Satanás é capaz de se transformar em anjo de luz (2 Co 11.14). A parábola do joio explica realisticamente este drama terrível da parecência dos filhos do maligno com os filhos do reino, pelo menos no início. A semelhança do joio com o trigo é tão grande que qualquer providência para

separar um do outro antes da colheita é barrada pelo dono das terras. Até à consumação do século é preciso aprender a lidar com essa situação confusa criada pelo maligno (Mt 13.24-30, 36-43).

CAPÍTULO 10

Prática do Equilíbrio

A prática do equilíbrio é a arte de se aproximar o máximo possível da medida certa no tempo certo, pelo acurado exercício do bom senso e sob a orientação da Palavra de Deus em seu todo e do Espírito Santo. O verdadeiro equilíbrio nunca é neutralidade, hesitação contínua, ausência de posicionamento, passividade, medo de riscos, desejo de agradar gregos e troianos ou fuga de responsabilidade. Ao contrário do que se pensa, a prática do equilíbrio em geral é a mais trabalhosa e a mais criticada das posições, pois não conta com o apoio das multidões que se encontram num extremo e no outro.

O comportamento de Pedro na cerimônia do lava-pés exemplifica a tendência humana para o desequilíbrio. Depois de garantir a Jesus Cristo: "Nunca me lavarás os pés" (Jo 13.8), o apóstolo passou imediatamente para o outro lado: "Senhor, não somente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça" (Jo 13.9). É a perniciosa filosofia do ou

tudo ou nada, também conhecida por **ou oito ou oitenta**, *transportada para a conduta religiosa.*

Equilíbrio e sucesso

O sucesso contínuo na vida e na liderança cristã prende-se demais à prática do equilíbrio, como se vê neste recado de Deus a Josué: "Não te apartes dela (de toda a lei), nem para a direita nem para a esquerda, **para que triunfes em todas as tuas realizações** (Js 1.7 em A Bíblia de Jerusalém). O rei Josias foi largamente usado por Deus porque "imitou em tudo o proceder de Davi, seu pai, sem se desviar para a direita nem para a esquerda" (2 Rs 22.2 em A Bíblia de Jerusalém).

É preciso ter em conta que o perigo não está apenas numa posição extremada de um lado, mas também na posição extremada do lado oposto. Por exemplo, um erro é sacrificar o valor da fé por causa da importância das obras, e outro é sacrificar o valor das obras por causa da importância da fé. Não se pode colocar Paulo contra Tiago nem Tiago contra Paulo. O que ambos os pilares da doutrina evangélica querem ensinar é que a salvação é pela graça "mediante a fé" (Ef 2.8) e que a fé sem obras "**está** morta" (Tg 2.17) ou "**é** morta" (Tg 2.26).

A falta de equilíbrio cria divisões na igreja, dá à luz movimentos heréticos, gera fanatismo e pode até produzir monstros religiosos.

O mandamento do equilíbrio

As Escrituras Sagradas estão cheias de apelos ao equilíbrio, como se pode ver a seguir:

1. A orientação para não se desviar nem para a direita nem para a esquerda aparece várias vezes no Velho Testamento. O apelo é dirigido insistentemente ao povo de Israel (Dt 5.32-33, 28.14, Js 23.6 e Pv 4.27) e aos seus líderes (Dt 17.20, Js 1.7).

2. A virtude da sobriedade é recomendada inúmeras vezes no Novo Testamento. Outra vez o apelo é dirigido tanto à igreja (1 Co 15.34, Fp 4.5, 1 Ts 5.6, Tt 2.12, 1 Pe 1.13, 4.7 e 5.8) como à sua liderança (1 Tm 3.2, Tt 1.7-8). A Timóteo a exortação é mais ampla: "Tu, porém, sê sóbrio **em todas as coisas**" (2 Tm 4.5). Os que criam problemas na igreja, precisam de um "retorno à sensatez" (2 Tm 2.26).

Áreas de equilíbrio

1. No conceito pessoal.

A Bíblia ensina que ninguém deve pensar de si mesmo **além** do que convém (Rm 12.3). A justa estima proíbe também o outro extremo: ninguém deve pensar de si mesmo **aquém** do que convém. O primeiro extremo abre caminho para o sentimento de superioridade; o segundo para o sentimento de inferioridade. Ambos são indesejáveis e desastrosos. Se a pessoa pensa além, deve **recuar**; se pensa aquém, deve **avançar**. O equilíbrio acaba com o orgulho e jactância de um lado, e com a inveja e ciúme do outro.

2. No estado de espírito.

A Bíblia ensina que o servo de Deus precisa ser prudente como as serpentes e ao mesmo tempo símplice como as pombas (Mt 10.16). Entre o otimismo fácil e beato de alguns e o pessimismo excessivo ou doentio de outros há um lugar intermediário. "A euforia como o desalento, também pode ser maléfica", disse alguém.

3. Na experiência do prazer.

A Bíblia ensina que nada aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma (Mc 8.36). O prazer não é grátis: sempre custa um preço, às vezes, bem elevado. A troca de Esaú não foi boa - o direito de primogenitura por

um repasto. Mas a troca de Moisés não podia ser melhor - o galardão eterno pelos prazeres transitórios do pecado (Hb 11.24-26).

4. No relacionamento das gerações.

A Bíblia diz: "Geração vai, e geração vem; mas a terra permanece a mesma" (Ec 1.4). A geração velha entra com a tradição e a geração nova com a contestação. Uma precisa da outra. A tradição fornece o barro e a contestação trabalha o barro. O equilíbrio não está em aderir à tradição ou à contestação, mas em permitir uma simbiose entre ambas.

5. No conceito de sexo.

A Bíblia diz: "Bebe a água da tua própria cisterna, e das correntes do teu poço" (compare Pv 5.15 com 1 Co 7.2). O ponto mais extremo de um lado diz que o sexo é pecado e o ponto mais extremo do outro lado diz que nenhuma expressão sexual é pecaminosa. Se o excessivo pudor associado com a chamada atividade sexual subterrânea do passado foi um desastre, o despudor generalizado dos dias em curso é desastre também.

CAPÍTULO 11

Prática da Espera

A prática da espera é a arte de aguardar tranqüilamente a hora de Deus, sem deixar de fazer o que é de nossa competência e sem fazer o que é da competência de Deus, deixando de lado toda impaciência e todo esmorecimento.

Um dos maiores transtornos do homem é não saber nem querer esperar alguma coisa ou algum acontecimento desejado ou necessário. Assim como "a substância ainda informe" (Sl 139.16) gasta nove meses para se transformar numa criancinha apta para sair do ventre materno e sobreviver fora dele, muitas de nossas carências não são nem podem ser satisfeitas imediatamente, ao toque de uma varinha de condão, como muitos querem. Jesus esperou trinta anos para iniciar seu ministério público (Mt 4.17), três dias para ressuscitar dentre os mortos (Mt 16.21) e quarenta dias para ser assunto aos céus (At 1.3).

A difícil arte de esperar

A prática da espera é difícil por causa da impaciência, por causa da pressa, por causa da ansiedade, por causa do imediatismo e por causa da curiosidade. É preciso aprender a lidar com todos estes elementos que tornam a espera dolorosa demais senão impossível. Um erro é não esperar nada, outro é não saber esperar.

O método certo

1. É preciso esperar numa atitude de confiança:

"Esperei confiantemente pelo Senhor; ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro" (Sl 40.1)

2. É preciso esperar numa atitude de paciência:

"Depois de esperar com paciência, obteve Abraão a promessa" (Hb 6.15).

3. É preciso esperar numa atitude de tranqüilidade:

"Vou esperar, tranqüilo, o dia em que Deus castigará aqueles que nos atacam" (Hc 3.16 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

As tentações da espera

Na prática da espera, uma tentação é deixar de esperar, abandonar a esperança, cansar-se de uma espera que parece longa demais. Outra é intrometer-se, resolver de qualquer modo a questão, assumir a responsabilidade de providenciar o que estava nas mãos de Deus. As duas tentações se entrelaçam e só causam aborrecimentos. É o caso de Abrão e Sara, que lançaram mão do expediente de

Hagar (Gn 16.1-16). É também o caso de Saul que adiantou-se a Samuel e fez o que não lhe era permitido (1 Sm 13.8-15).

Esperas comuns

A espera é muito mais freqüente do que se pensa. E esta longa lista de espera envolve tanto o crente como o descrente. Paulo lidava com as mesmas esperas com as quais lidamos hoje: a espera de alguém (At 17.16, 1 Co 16.10-11), a espera de notícias (1 Ts 3.5) e a espera de uma oportunidade para viajar (1 Tm 3.14, Rm 15.23-24), etc. Em certas circunstâncias, a espera é desgastante. Numa de suas Epístolas, Paulo confessa: "Já não me sendo possível continuar esperando, mandei indagar o estado de vossa fé, temendo que o tentador vos provasse, e se tornasse inútil o nosso labor" (1 Ts 3.5).

Esperas muito especiais

1. É preciso aprender a esperar o fim da "tempestade".

Isto é, o fim da provação, o fim da tentação, o fim do período de vacas magras, o fim do infortúneo, como o de Jó ou o de Davi (quando era perseguido por Saul), etc. No caso da tempestade propriamente dita, que caiu sobre o Mediterrâneo na altura de Creta e provocou o naufrágio do navio no qual viajava Paulo, a tormenta durou catorze dias sem sol nem estrelas (At 27.33).

2. É preciso aprender a esperar a hora de Deus.

Ele enfaixou em suas mãos os tempos e as épocas e exerce autoridade sobre eles (At 1.7). O relógio humano não é o relógio de Deus.

3. É preciso aprender a esperar a evolução dos acontecimentos.

Todos os acontecimentos relacionados com a vida de José, por mais estranhos e injustos que pareçam, tinham ligação com a posição que ele assumiu como governador do Egito (Gn 45.5). Deus está acima da história.

4. É preciso aprender a esperar a resposta à oração.

Isaque e Rebeca esperaram vinte anos de oração para se tornarem finalmente pais de Esaú e Jacó (Gn 25.19-26). Jesus diz que Deus apenas parece demorado em responder as orações (Lc 18.7).

5. É preciso aprender a esperar a direção do Senhor.

Nem sempre a direção que parece lógica e certa é a direção de Deus. Paulo queria continuar na Ásia, mas Deus o queria na Europa. Daí a atuação do Espírito obstruindo a viagem para Bitínia e o apelo macedônio (At 16.6-10).

6. É preciso aprender a esperar a morte.

Há pessoas que estão doentes e "amarguradas de ânimo" (caso de Jó), que estão cansadas de tanto ver prosperar o mal (caso de Elias) ou que estão ansiosas para estar com Cristo (caso de Paulo). Embora não queiram mais viver (Jó 3.20-22, 1 Rs 19.4 e Fp 1.23), elas estão proibidas de provocar a morte.

Esperas escatológicas

1. É preciso esperar o desenvolvimento da salvação.

A salvação é mais do que o perdão de pecados. Daí a palavra de Paulo: "A nossa salvação está agora mais perto do que quando no princípio cremos" (Rm 13.12).

2. É preciso esperar a volta de Jesus.

A espera é contínua pois "não sabeis o dia em que vem o vosso Senhor" (Mt 24.42, At 1.11).

3. É preciso esperar a redenção do corpo.

Seja pela ressurreição, seja pela súbita transformação do corpo atual. Na verdade, "gememos em nosso íntimo, aguardando a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23).

4. É preciso esperar a glória total.

"Os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós" (Rm 8.18 em A Bíblia de Jerusalém).

5. É preciso esperar novos céus e nova terra.

Esta é uma das promessas de Deus (2 Pe 3.13).

6. É preciso esperar a plenitude do Reino de Deus.

A oração duas vezes milenar "Venha o teu reino" (Mt 6.10) ainda não foi respondida na sua amplitude. Daí a espera daquele dia quando se dirá: "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos" (Ap 11.15).

Esperas indevidas

1. Não é mais preciso esperar a vinda do Messias.

Este foi o erro da mulher samaritana quando disse a Jesus: "Eu sei que há de vir o Messias, chamado Cristo" (Jo 4.25).

2. Não é mais preciso esperar a efusão do Espírito.

Mozinho Rodrigues!

Tal derrame já se deu no dia de Pentecoste, pouco depois da ascensão de Jesus (At 2.1-4).

3. Não é mais preciso esperar a proclamação do evangelho.

Aplica-se a nós o que os quatro leprosos disseram na época de Eliseu: "Não fazemos bem: este dia é dia de boas novas, e nós nos calamos; se esperarmos até à luz da manhã, seremos tidos por culpados; agora, pois, vamos, e o anunciemos à casa do rei" (2 Rs 7.9).

CAPÍTULO 12

Prática da Descomplexação

A prática da descomplexação é a arte da soltura consciente e progressiva de amarras relacionadas originalmente ao pecado e também a certos problemas pessoais decorrentes da educação e de experiências frustrantes, através dos multiformes benefícios do evangelho e das terapias do Espírito.

O homem é por demais complicado. Há muitas razões para isto. Os motivos são profundos e intrincados. Devem ser descobertos e analisados. Sem dúvida a causa mais remota de toda complicação emocional e mental é esclarecida pelo capítulo da Teologia que trata da queda do homem. Neste ponto, há uma declaração de Salomão muito oportuna: "Deus fez o homem reto, e este procura complicações sem conta" (Ec 7.29 em A Bíblia de Jerusalém).

O distúrbio individual e coletivo começou quando o homem teve medo de Deus e dele se escondeu por causa da primeira desobediência. Quando se viu e se sentiu estranhamente nu e precisou de cintas para se cobrir. Quando perdeu para sempre a naturalidade e passou a conhecer o

bem e o mal. Quando desconfiou do caráter de Deus e rompeu com ele. Este é o problema básico. Todos os outros têm relação com o chamado pecado original.

É extremamente necessário que o homem se liberte de suas complicações ou aprenda a lidar com elas. Se usados correta e equilibradamente, os exercícios religiosos são de grande valia.

Nem verme nem portento

Jesus foi tratado como verme e não como homem por seus inimigos (Sl 22.6). O pior é quando alguém se acha verme. Tais pessoas são muito infelizes e também difíceis de trato. Elas se dizem miseráveis, incapazes de tudo, reduzidas em extremo. Não se sentem valorizadas. Elas mesmas se diminuem e são diminuídas pelos demais. Escondem-se, então. E, às vezes, como reação natural, agridem.

Outros, no entanto, vão para o lado oposto. Se dizem portentos. Contam numerosas histórias de sucesso: fecharam bocas de leões, puseram em fuga exércitos de estrangeiros, escaparam ao fio da espada. Andam empertigados. São acentuadamente arrogantes. Julgam possuir todos os dons e todas as vantagens. Eles mesmos se exaltam e provocam a exaltação alheia.

Nos dois casos, porém, há erros grosseiros. Na verdade, ninguém é verme e ninguém é portento. Como pode ser verme, se você é "por um pouco menor do que Deus" (Sl 8.5), se ele lhe deu o domínio sobre as obras de suas mãos e de glória o coroou? Não tem jeito. Você não é verme: é nova criatura em Cristo (2 Co 5.17), é santuário do Espírito Santo (1 Co 6.19), é filho de Deus (Jo 1.12), é herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm 8.17), é mais que vencedor por meio de Cristo (Rm 8.37) e é candidato certo à glória de Deus (Rm 8.18). Acabe com esta bobagem, com esta mentira, com este complexo. Você não é verme, e assunto encerrado.

Mas também não é portento, super-homem ou semideus. Como pode ser portento, se você "não passa de um caco de barro entre outros cacos" (Is 45.9), se você ainda depende totalmente da misericórdia de Deus? Você precisa de Deus para viver, para ser salvo, para vencer a tentação e a provocação, para enfrentar a tristeza e a dor, para chegar à imortalidade, ao novo corpo, aos novos céus e nova terra e à "glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8.18)? Você é um vaso de barro, isto é, quebrável (2 Co 4.7). Portanto, acabe com este outro complexo.

Nem além nem aquém

A Bíblia ensina que ninguém deve pensar de si mesmo **além** do que convém, "mas uma justa estima, ditada pela sabedoria, de acordo com a medida da fé que Deus dispensou a cada um" (Rm 12.3 em A Bíblia de Jerusalém). Esta justa estima proíbe também o outro extremo: ninguém deve pensar de si mesmo **aquém** do que convém. Se você se exalta sem medida, o seu problema é de superioridade. Se você se diminui sem medida, o seu problema é de inferioridade. Ambos são igualmente indesejáveis e desastrosos. É preciso haver honestidade na avaliação de si mesmo. Se você está **além** da medida, terá que recuar; se você está **aquém** da medida, terá que avançar. Deste modo você se livrará de muitos sentimentos pecaminosos, desgastantes e feios: orgulho e jactância no caso de uma avaliação exagerada para mais; e inveja e ciúmes, no caso de uma avaliação exagerada para menos.

Nem tudo nem nada

A vida de Moisés está dividida em três períodos iguais de quarenta anos: quarenta anos na corte de Faraó, quarenta anos na terra de Midiã e quarenta anos nos desertos da Arábia. No primeiro período, Moisés foi educado em toda a ciência dos egípcios e tornou-se poderoso em palavras e

obras (At 7.22). Ao final do segundo período, encontramos um Moisés complicado, que não quer aceitar a tarefa de retirar o povo de Deus do Egito, sob a alegação de que nunca foi homem eloqüente, nem outrora, nem agora, pois é pesado de boca e de língua (Ex 4.10, 6.12, 30). No terceiro período, Moisés é aquele líder extraordinário que liberta Israel do jugo dos faraós e o conduz às portas de Canaã, não obstante a obstinação do Egito, a cerviz dura do próprio povo e de todas as circunstâncias especiais do êxodo. Foi o pregador inglês Frederick B. Meyer, falecido em 1929, quem melhor definiu o pensamento de Moisés nestes três distintos períodos: nos primeiros quarenta anos, Moisés pensáva que era tudo; nos segundos quarenta anos, foi para o outro extremo e dizia que não era coisa alguma; e nos últimos quarenta anos, descobriu que Deus era tudo.

O caminho certo não é passar de toda auto-suficiência para nenhuma auto-suficiência, mas para a suficiência de Deus. Nem de nenhuma auto-suficiência para toda auto-suficiência. É esta importante verdade que Paulo quer transmitir quando afirma: "A nossa suficiência vem de Deus" (2 Co 3.5). Deus provê tudo: as idéias, a força, o poder, os recursos, o livramento, a proteção e até a perseverança. E ainda cobre tudo com a sua bênção. Você precisa abrir mão tanto da soberba como da timidez. Para vencer a soberba, você conta com o auxílio da humildade; para vencer a timidez, você conta com o auxílio da ousadia. As duas virturdes - a humildade e a ousadia - são fundamentais para a expansão do reino de Deus. Não são opostas. Completam-se.

O caminho da descomplexação

Porque o sentimento de inferioridade pode descambar no complexo de inferioridade, que é algo doentio, e porque o sentimento de superioridade é uma forma de supercompensação do complexo de inferioridade - é de todo imprescindível que você se livre e se cure o mais depressa possível

de ambos os problemas. Eis aqui algumas providências que podem ajudar:

1. Oração.

Abra o seu coração diante de Deus em oração perseverante. Ore sobre o assunto até superar o problema. Lembre-se da disposição de Paulo de enfrentar a questão do espinho na carne: "Por causa disto três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim" (2 Co 12.8).

2. Espírito de luta.

No que depender de você para remover a dificuldade, esforce-se ao máximo. Veja o conselho de Paulo: "Você é escravo? Não deixe que isso o atormente - mas, naturalmente, se lhe vier a oportunidade de ficar livre, aproveite-a" (1 Co 7.21 em A Bíblia na Linguagem de Hoje). Não fique parado. Não fique se queixando e se amargurando. Reaja. Faça alguma coisa. Lute.

3. Aceitação.

Se Deus disser não a você, como disse a Paulo, a respeito do espinho na carne, e a Davi, a respeito da vida da criancinha, aceite paciente e alegremente a situação. Há certas coisas inevitáveis, irreparáveis, irremovíveis e irreversíveis por causa da desordem geral provocada pelo próprio homem, desde as gerações passadas até agora. Mas isto não é motivo suficiente para destruí-lo. Aprenda a dizer "seja feita a vontade do Senhor" na hora certa e no caso certo, não levianamente, para se desculpar da preguiça, do medo e da acomodação. A ausência de aceitação significa rebelião contra Deus, que é loucura, e só agrava o problema. Não se obrigue a ter necessariamente os mesmos dons, a mesma inteligência, a mesma capacidade, os mesmos recursos ou a mesma história de seus semelhantes. Todos eles têm

também as suas limitações e sérios problemas. É Deus quem reparte os dons com os homens a seu bel prazer. Afaste-se da inveja. Existe sempre a mesma compensação para todos: "A minha graça te basta" (2 Co 12.9).

4. Aproveitamento.

Aprenda a transformar a desvantagem em vantagem. Aqueles que estão acostumados a fazer do Senhor a sua força "são capazes de transformar lugares secos em fontes, transformar tristezas e sofrimentos em alegrias e bênçãos, em lugares cobertos de flores e frutos com a chuva da primavera; sempre que surge dificuldade, eles recebem a força de Deus, vão sempre ao templo de Sião para adorar o Senhor" (Sl 84.5-7 em A Bíblia Viva). As mais notáveis obras sociais foram realizadas por pessoas que tinham desvantagens e, por causa delas, se aplicaram ao estudo e ao trabalho para diminuir o sofrimento alheio. Lembre-se também de que muitos de seus problemas e complexos são mero resultado de convenções e modismos de uma sociedade divorciada de Deus, que jaz no maligno e não tem autoridade para impôr usos e costumes. São coisas banais, mas capazes de transtornar a auto-imagem e a liberdade com que Cristo nos libertou.

CAPÍTULO 13

Prática da Confiança

A prática da confiança é a arte de colocar em Deus toda a capacidade de crer, em qualquer lugar, em qualquer tempo e em qualquer situação, através da negação da incredulidade própria e da afirmação da onipotência divina. É a capacidade de amarrar-se a Deus e não aos problemas que tolhem a alegria de viver. A plena confiança ocupa todo o espaço vazio entre Deus e o homem, reduz drasticamente a taxa de ansiedade e traz benefícios incalculáveis para a saúde mental e para o bom funcionamento dos aparelhos que desempenham as funções vitais do corpo humano.

A plena confiança não surge de uma hora para outra. Ela é gradativa, vai crescendo aos poucos, vai se apoderando da pessoa, vai se avolumando, vai enchendo a distância entre Deus e o homem. Assim foi com Abraão:

1. Ele saiu de sua terra e de sua parentela para uma terra que Deus lhe mostraria (Hb 11.8).
2. Depois de marchas e contramarchas, ele acreditou que

seria o pai de uma grande nação, tão numerosa como as estrelas do céu, como o pó da terra ou como a areia da praia, mesmo tendo uma esposa estéril e avançada em anos, mesmo levando em conta o seu corpo já marcado pela morte (Rm 4.18-21, Hb 11.11-12).

3. Por fim, depois de nascido e crescido o filho da promessa, Abraão, quando posto à prova, ofereceu Isaque na certeza de que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, caso o sacrifício do menino se consumasse (Hb 11.17).

Entre o chamado de Abraão e o que aconteceu na terra de Moriá passaram-se talvez uns quarenta anos. Nesse período, a confiança de Abraão cresceu poderosamente, não sem erros (como o caso de Ismael) e alguns fracassos (como o uso de expedientes escusos para proteger-se contra Faraó e Abimeleque).

A prática da confiança se faz a partir da primeira resposta dada aos apelos de Deus e às promessas da Palavra de Deus. Ela precisa crescer a ponto de aprender a esperar contra a esperança, isto é, a ter fé e esperança mesmo quando não há o menor motivo para crer, como aconteceu com Abraão. Este é o climax da confiança.

Confiança frustrante

O homem tem sido tentado a pôr a sua confiança em pessoas e coisas que não suportam o peso dessa confiança e em promessas que Deus nunca fez. Daí as exortações da Palavra de Deus para não confiar nelas.

1. É preciso confiar em Deus e **não em si mesmo**: "Quem confia em seu bom senso é insensato" (Pv 28.26).

2. É preciso confiar em Deus e **não na carne**: "Bem que eu poderia confiar na carne... mas o que era para mim lucro, isto considerei perda por causa de Cristo" (Fp 3.4-11).

3. É preciso confiar em Deus e **não em homens**: "Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor" (Jr 17.5).

4. É preciso confiar em Deus e **não em príncipes**: "Não confieis em príncipes, em quem não há salvação" (Sl 146.3).

5. É preciso confiar em Deus e **não em palavras falsas**: "Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada vos aproveitam" (Jr 7.8).

6. É preciso confiar em Deus e **não em bens e riquezas**: "Quem confia nas suas riquezas cairá, mas os justos reverdecerão como a folhagem" (Pv 11.28).

7. É preciso confiar em Deus e **não em carros e cavalos**: "Ai dos que confiam em carros, porque são muitos, e em cavaleiros, porque são mui fortes, mas não atentam para o Santo de Israel, nem buscam ao Senhor" (Is 31.1).

Confiança em qualquer situação

A confiança posta em Deus é especialmente válida em circunstâncias adversas e em situações difíceis.

1. É preciso confiar em Deus "**ainda que** eu ande pelo vale da sombra da morte" (Sl 23.4).

2. É preciso confiar em Deus "**ainda que** um exército se acampe contra mim" (Sl 27.3).

3. É preciso confiar em Deus "**ainda que** as águas tumultuem e espumejem, e na sua fúria os montes se estremeçam" (Sl 46.1-3).

4. É preciso confiar em Deus "**ainda que** as figueiras não produzem frutas, e as parreiras não dêem uvas; **ainda que** não haja azeitonas para apanhar nem trigo para colher; **ainda que** não haja mais ovelhas nos campos nem gado nos currais" (Hc 3.17 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

A base da confiança

A possibilidade e a obrigação do exercício da plena confiança repousam nos seguintes fatos:

1. *As promessas de Deus.*

Deus tem o hábito de fazer "santas e fiéis promessas" (At 13.34). Ele nos tem dado "suas preciosas e mui grandes promessas", para que por meio delas nos tornemos participantes da natureza divina (2 Pe 1.4). Uma delas é a efusão do Espírito, já realizada (At 1.4 e 2.33). Portanto não há lugar para o vazio.

2. O caráter de Deus.

O Deus que faz as promessas "não pode mentir" (Tt 1.2). Ele "não é homem, para que minta" (Nm 23.19). Portanto não há lugar para a desconfiança.

3. A graça e o amor de Deus.

O Deus que faz as promessas e que não pode mentir é extremamente dadivoso (Tg 1.5). "Se Deus não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?" (Rm 8.32). Portanto não há lugar para a ansiedade.

4. O poder e os recursos de Deus.

O Deus que faz as promessas, que não pode mentir e que é extremamente dadivoso tem todo poder no céu e na terra, sobre tudo e sobre todos. Daí a exortação: "Aquietai-vos e sabei que eu sou Deus" (Sl 46.10). Portanto não há lugar para o medo.

O fortalecimento da confiança

A confiança precisa ser fortalecida. A Bíblia diz que Jônatas fortaleceu a confiança de Davi em Deus (1 Sm 23.16). A esta altura, Davi já havia dado mostras de uma enorme confiança em Deus ao enfrentar o gigante filisteu (1 Sm 17.37). O fortalecimento da confiança dá-se:

1. Por meio da comunhão com Deus.

A pessoa em contínua e profunda comunhão com Deus absorve consciente e inconscientemente muito vigor, muita energia, muita coragem, muita seiva.

2. Por meio da oração.

É perfeitamente correto e válido confessar diante de Deus a pequenês de nossa confiança e suplicar uma confiança mais ousada.

3. Por meio da Palavra de Deus.

A leitura e meditação da Palavra de Deus alimenta o espírito e transmite valores extraordinários.

4. Por meio de exemplos.

São notáveis os exemplos de confiança plena em Deus de Abraão, Josué e Calebe (Nm 14.1-12), Davi (1 Sm 17.31-40), Ezequias (Is 36.1-37) e Paulo (At 27.1-44), além de outros, retirados da história eclesiástica. Todos encorajam, desafiam e fortalecem a prática da confiança.

5. *Por meio da experiência.*

É preciso aprender a confiar, não desanimar com as crises de falta de fé, levantar-se depois da queda, quantas vezes for necessário, e seguir adiante.

Os galardões da confiança

A prática da confiança não deve ser abandonada, porque ela tem "grande galardão", como diz enfaticamente a Epístola aos Hebreus (10.35).

1. Ela produz uma **sensação de felicidade**: "Bem-aventu-

rado o homem que põe no Senhor a sua confiança, e não pende para os arrogantes, nem para os afeiçoados à mentira" (Sl 40.4).

2. Ela produz **paz de espírito**: "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme, porque ele confia em ti" (Is 26.3).

3. Ela produz **firmeza**: "Os que confiam no Senhor são como o monte de Sião, que não se abala, firme para sempre" (Sl 125.1).

4. Ela produz **ausência de temor**: "Em Deus, cuja palavra eu exalto, neste Deus ponho a minha confiança e nada temerei" (Sl 56.4).

5. Ela realiza **proezas**: "Em Deus faremos proezas" (Sl 60.12).

Todos que são beneficiados pelo que faço, fiquem certos que sou contra a venda ou troca de todo material disponibilizado por mim. Infelizmente depois de postar o material na Internet não tenho o poder de evitar que "*alguns aproveitadores*" tirem vantagem do meu trabalho que é feito sem fins lucrativos e unicamente para edificação do povo de Deus. Criticas e agradecimentos para: *mazinhorodrigues@yahoo.com.br*

Att: Mazinho Rodrigues.

CAPÍTULO 14

Prática da Ousadia

A prática da ousadia é a arte de portar-se corajosamente diante das obrigações, oportunidades e desafios da vida cristã e do ministério decorrente da vocação celestial, em função do poder de Deus e dos recursos que ele coloca à disposição de todos que o cercam e de todos que o servem. O exercício da ousadia não prejudica o exercício da humildade nem o exercício da humildade prejudica o exercício da ousadia. Uma virtude não ofusca nem danifica a outra virtude. Ousadia não é esbravejar, ameaçar, bazofiar, autopromover-se, prometer mundos e fundos, mas simplesmente dar conta do recado com permanente disposição, plena confiança em Deus e com o devido acompanhamento da modéstia cristã.

Não é pequeno o número de tímidos. E por causa da timidez, o homem não faz tudo que poderia fazer, não alcança todas as vitórias que poderia alcançar. Fica parado, sonhando sempre, desejando sempre, planejando sempre,

tendo sempre as mesmas boas intenções. Com o preguiçoso acontece o mesmo, mas o mal de muitos não é exatamente a preguiça e, sim, o receio, o medo, a vergonha, o acobardamento. A timidez, todavia, favorece a preguiça e a preguiça favorece a timidez.

A timidez é tratada com rigor na Palavra de Deus. Entre os judeus, o soldado "medroso e de coração tímido" deveria voltar para casa: além de inapto, ele poderia contagiar os outros com a sua timidez (Dt 20.8). E Jesus fez uma pergunta muito séria aos discípulos por ocasião da travessia do mar de Genezaré: "Por que sois assim tímidos?" (Mc 4.40). A esta pergunta, o medroso precisa dar uma resposta, descobrir as razões de sua timidez e livrar-se dela.

Coragem!

A ordem **"Sê forte e corajoso"** é muito insistente nas Escrituras. Foi dirigida ao povo de Israel em ocasiões de perigo e desafio, na época de Moisés (Dt 31.6), Josué (Js 10.25) e Ezequias (2 Cr 32.7). Foi dirigida a Josué, o sucessor de Moisés, seguidas vezes (Dt 31.7,23; Js 1.6,7,9,18). Mais de quinhentos anos depois, Davi achou por bem repetir as mesmas palavras a Salomão, seu filho e herdeiro do trono (1 Cr 22.13, 28.10). Jesus usava com freqüência uma expressão semelhante: "**Tem bom ânimo**", que a Bíblia na Linguagem de Hoje reduz para uma palavra só: "**Coragem!**". O Senhor deu este conselho ao paralítico de Cafarnaum (Mt 9.2), à mulher hemorrágica (Mt 9.22), aos discípulos (Mt 14.27), ao cego de Jericó (Mc 10.49) e mais uma vez aos discípulos: "No mundo passais por aflição; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (Jo 16.33). À tripulação e aos passageiros do barco seriamente ameaçado de naufrágio nas proximidades da ilha de Malta, no Mediterrâneo, Paulo aconselhava com insistência: "Senhores, tenham bom ânimo, pois eu confio em Deus" (At 27.22,25). O próprio Paulo, antes desta viagem a Roma na qualidade de prisioneiro, ouviu a oportuna advertência de Jesus Cristo: "Coragem!

pois do modo por que deste testemunho a meu respeito em Jerusalém, assim importa que também o faças em Roma" (At 23.11).

Ousadia para quê?

1. Precisamos de ousadia para entrar com naturalidade no Santo dos Santos, como diz a Epístola aos Hebreus (10.19), certos de que Deus nos recebe e nos atende em Cristo.

2. Precisamos de ousadia para sair da rotina e fazer proezas: "**Em Deus** faremos proezas" (Sl 60.12). A ousadia espiritual pode conduzir-nos à experiência de Paulo: "Tudo posso n**aquele** que me fortalece" (Fp 4.13).

3. Precisamos de ousadia para seguir os caminhos do Senhor, indo contra a opinião pública, contrariando o sistema, nadando contra "o curso deste mundo" (Ef 2.2), não nos conformando com este século (Rm 12.2). São alvos profundamente difíceis, que exigem séria e constante intrepidez. Veja-se só a experiência de Josafá: "Tornou-se-lhe **ousado** o coração para seguir os caminhos do Senhor" (2 Cr 17.6).

4. Precisamos de ousadia para confiar em Deus, "ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte" (Sl 23.4), "ainda que a terra se transtorne, e os montes se abalem no seio dos mares" (Sl 46.2), e "ainda que a figueira não floresce, nem há fruto na vide" (Hc 3.17-19). Apesar de maltratados e ultrajados em Filipos, Paulo e Silas tiveram **ousada** confiança em Deus para anunciar o evangelho aos tessalonicenses, "em meio a muita luta" (1 Ts 2.2).

5. Precisamos de ousadia para tornar conhecido o evangelho do reino, para anunciar a Palavra de Deus, para ensinar, para falar, para pregar a um mundo incrédulo, corrompido, desinteressado, cego e zombador, como aconteceu com os apóstolos: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com **intrepidez**, anunciavam a Palavra de Deus" (At 4.31, 9.27 e 28, 13.46, 14.3, 18.26, 19.8 e 28.30,31). Só com

muita ousadia é possível alargar, alongar e firmar bem as estacas, transbordando para a direita e para a esquerda, não importa sejamos fracos e poucos (Is 54.1-3).

6. Precisamos de ousadia para enfrentar o sofrimento, para não deixar de seguir para Jerusalém, para beber o cálice do sacrifício, para passar pela prova de escárnios e açoites, de algemas e prisões, de tortura e morte, para - se necessário for - ser serrados pelo meio (Hb 11.35-38). Está registrado no Evangelho de Lucas que Jesus, quando estava para ser morto, "manifestou no semblante a **intrépida** resolução de ir para Jerusalém" (Lc 9.51).

As bases da ousadia

1. A ousadia é possível por causa de Jesus.

Por meio de Cristo Jesus, nosso Senhor, "temos ousadia e acesso com confiança, mediante a fé nele" (Ef 3.13). Porque Jesus é verdadeiramente o Filho de Deus, porque Jesus é o supremo sacerdote, porque Jesus subiu aos céus e está à direita de Deus, porque Jesus é capaz de condoer-se das nossas fraquezas, porque Jesus é o Autor e Consumador da fé e porque Jesus em troca da alegria que lhe estava proposta suportou a cruz - somos tomados de grande ousadia para ir até o próprio trono de Deus e permanecer lá "para recebermos a sua misericórdia e acharmos graça para nos ajudar em nossos tempos de necessidade" (Hb 4.14-16 e 12.1-3).

2. A ousadia é possível por causa da esperança.

A esperança da glória vindoura nos faz andar altaneiramente (Hc 3.19), como filhos do Rei, como irmãos do próprio Jesus, como herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (Rm 8.17). A esperança em si já é ousadia (Hb 3.6). "Já que sabemos que esta nova glória nunca acabará", ex-

plica Paulo, "podemos pregar com grande ousadia" (2 Co 3.12, em A Bíblia Viva).

*3. A **oração** é outra base para a ousadia.*

Dificilmente alguém se levanta tímido depois de orar fervorosamente: "Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo, e, com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus" (At 4.31). O apóstolo solicitava as orações da igreja em seu favor, para ele fazer conhecido o mistério do Evangelho com intrepidez (Ef 6.19).

*4. A ousadia depende também da **comunhão com Deus**.*

O sinédrio reconheceu que a convivência de Pedro e João com Jesus lhes havia dado intrepidez (At 4.13). Os que se demoram na presença do Senhor e nele permanecem têm possibilidades imensas (Jo 15.5). Adquirem, entre outras coisas, a necessária coragem para enfrentar a oposição com sabedoria e vitória.

*5. Outra fonte de ousadia são os **sucessos acumulados**, a experiência obtida.*

Foi isto que o imberbe Davi explicou ao rei Saul: "O Senhor me livrou das garras do leão, e das do urso; ele me livrará da mão deste filisteu" (1 Sm 17.37). "Os que desempenharem bem o diaconato", lembra Paulo, "alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus" (1 Tm 3.13).

*6. Há mais uma coisa a considerar: o **estímulo alheio**, por meio do exemplo e por meio da palavra, gera ousadia.*

Veja-se a citação de Paulo: "A maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas, ousam falar com

mais desassombro a palavra de Deus" (Fp 1.14). Assim como o soldado tímido gera timidez, o soldado corajoso gera bravura. A ousadia é tão contagiante quanto o medo.

Ousadia pecaminosa

Nem toda ousadia é virtude. Existe a ousadia pecaminosa. O ímpio também pode ser ousado. Paulo se queixa de alguns falsos irmãos "que fazem ousadas asseverações" (1 Tm 1.8). O israelita que trouxe para dentro do arraial, "perante os olhos de Moisés e de toda congregação", a mulher midianita para se deitar com ela no interior da tenda (Nm 25.6-15), foi de uma ousadia enorme. Judas foi muito ousado ao censurar Maria por motivos interesseiros (Jo 12.4-6) e mais ainda ao procurar o sumo sacerdote para ver quanto este lhe daria se ele, Judas, lhe entregasse Jesus (Mt 26.14-16). Aquele que é naturalmente ousado, precisa tomar cuidado com a sua ousadia: ela pode ser uma bênção se for usada corretamente, e uma tremenda desgraça, se for usada em função do pecado. Ao mandar buscar a mulher de Urias para se deitar com ela, Davi foi muito ousado (2 Sm 11.3-4). Mas esta ousadia foi negativa e lhe trouxe seríssimos problemas.

CAPÍTULO 15

Prática da Resistência

A prática da resistência é a arte de não ceder, não relaxar, não fazer concessões, não se deixar arrastar, não se dobrar, não se render. É virtude se a resistência é dirigida a qualquer força que tem o propósito claro ou velado de remover o crente do centro da vontade soberana e particular de Deus. Mas é fraqueza e tragédia se a resistência é dirigida aos ditames da consciência, aos impulsos do Espírito ou à instrução da Palavra de Deus (At 7.51).

Exemplos de resistência

1. **José** resistiu à mulher de Potifar (Gn 39.1-23), não obstante a atrevida insistência dela na realização do adultério, não obstante a circunstância extremamente favorável ao adultério (não havia ninguém em casa), não obstante a idade (entre 16 e 28 anos) e a situação de José (fora de casa e da família).

2. **Elias** resistiu aos profetas de Baal (1 Rs 18.20-40), não obstante o excessivo número deles (450), não obstante o apoio total e ostensivo que a mulher de Acabe dava a eles (foi Jezabel quem os trouxe de Tiro e os sustentava), não obstante a oposição sistemática e violenta que Jezabel movia contra os profetas do Senhor.

3. **Jó** resistiu aos seus infortúnios (Jó 1:22, 2.10 e 19.25), não obstante a opulência anterior (sete mil ovelhas, três mil camelos, mil bois e quinhentas jumentas), não obstante a descarga impiedosa de desgraças que caiu sobre ele (perda dos bens, perda dos filhos e perda da saúde), não obstante o desânimo atroz da esposa, que lhe dizia: "Amaldiçoa a Deus e morre" (Jó 2.9).

4. **Neemias** resistiu aos seus adversários (Ne 4.1-23), não obstante a pregação demolidora de Sambalá e Tobias, não obstante as ameaças de luta armada que os inimigos lhe faziam, não obstante a dificuldade e morosidade da obra empreendida (a reconstrução dos muros de Jerusalém e a recuperação do culto).

5. **Daniel** resistiu ao decreto do rei da Pérsia e não deixou de orar a Deus (Dn 6.1-28), não obstante a irrevogabilidade das leis dos medos e dos persas, não obstante o seu alto cargo no governo de Dario (um dos três presidentes dos 120 sátrapas do império), não obstante a sentença de morte pavorosa a que estava sujeito se não obedecesse a ordem do rei (cova de leões).

6. **Jesus** resistiu ao diabo (Mt 4.1-11) e a Pedro (Mt 16.22-23), não obstante a fome gerada por um jejum de quarenta dias, não obstante a ousadia de Satanás ("Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares"), não obstante a sutileza das tentações.

7. **Paulo** resistiu a Pedro (Gl 2.11), não obstante a posição de Pedro na liderança inicial da Igreja, não obstante ser mais novo na fé do que Pedro, não obstante a pressão que estava atrás de Pedro.

Exemplos de não-resistência

1. A **mulher** não resistiu à serpente e o pecado entrou no mundo (Gn 3.1-7). Com o pecado entrou a morte (Rm 5.12).
2. **Davi** não resistiu à concupiscência dos olhos e cometeu adultério (2 Sm 11.1-4). Com o adultério, um abismo chamou outro abismo (Sl 42.7).
3. **Salomão** não resistiu aos clamores de suas mulheres estrangeiras e cometeu idolatria (1 Rs 11.1-8). Com a idolatria veio a desintegração do reino (1 Rs 11.11).
4. O **jovem carecente de juízo**, de que fala Salomão, não resistiu à mulher adúltera e com ela prevaricou (Pv 7.6-27). Com a prevaricação, o rapaz tornou-se igual ao boi que vai para o matadouro ou ao cervo que corre para a rede.
5. **Judas** não resistiu ao diabo e traiu o Senhor (Lc 22.3-6). Com a traição, veio o suicídio e outro tomou o seu encargo (At 1.15-26).
6. **Demas** não resistiu à atração mundana e abandonou a companhia de Paulo (2 Tm 4.10). Com o abandono, certamente naufragou na fé (1 Tm 1.19).
7. A **igreja em Tiatira** não resistiu à influência de Jezabel e se contaminou com as suas prostituições (Ap 2.19-20). Com a contaminação, deixou de ser uma igreja irrepreensível como a igreja em Filadélfia.

O campo da resistência

A resistência deve ser dirigida a qualquer tipo de pressão contrária à vontade de Deus, desde a mera sugestão (o fogo mais brando) até a tentação absurda (o fogo mais alto).

1. A **mera sugestão** é aquela tentação formulada não por pessoas do mundo nem por anjos caídos, mas por parentes, amigos e irmãos na fé, com as melhores intenções possíveis e dentro de uma lógica aparentemente aceitável. É a tentação a que foi submetido Davi, quando seus amigos lhe disseram com certeza que o Senhor lhe tinha entregado Saul para ser morto por ele (1 Sm 24.1-22). É também a

tentação a que foi submetido o próprio Jesus, quando Pedro lhe disse para ter compaixão de si mesmo e evitar o sofrimento e a morte em Jerusalém (Mt 16.21-23).

2. A **tentação absurda** é aquela tentação ousada, arrogante, mais descabida do que qualquer outra. É a tentação a que Jesus foi submetido por Satanás quando este o levou a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles, e lhe disse: "Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares" (Mt 4.8-10). É a tentação daquele homem casto que sentiu tremenda vontade de ir a um prostíbulo na véspera de seu casamento com uma mulher amada e bonita.

3. A **tentação comum** é aquela tentação, de todo o dia, situada entre a mera sugestão e a tentação absurda. É preciso oferecer resistência à incredulidade, ao egoísmo, à impaciência, ao comodismo, à vaidade, ao desânimo, à tristeza, ao ódio, à vingança, ao medo, à ansiedade, ao falso testemunho, à lascívia, ao tédio, à preguiça, e assim por diante.

O volume da resistência

A resistência tem que ir até as últimas conseqüências, no esforço e no tempo. Não pode parar no meio do caminho, não pode sofrer interrupções, não pode ser abandonada. A demora da consumação de todas as coisas não deve enfraquecer ou interromper a prática da resistência, como aconteceu com o servo irresponsável da parábola de Jesus (Lc 12.45-46).

*1. É preciso resistir "**até setenta vezes sete**" (Mt 18.22).*

*2. É preciso resistir **até terminar a obra iniciada**:*

"Assim se executou toda a obra de Salomão, desde o dia da fundação da casa do Senhor, até se acabar" (2 Cr 8.16).

3. *É preciso resitir **até o fim:***

"Aquele que perseverar até o fim, esse será salvo" (Mt 24.12).

4. *É preciso resistir **até ao sangue:***

"Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue" (Hb 12.4).

5. *É preciso resistir **até à morte:***

"Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Ap 2.10).

6. *É preciso resistir **até a vinda do Senhor:***

"Sede, pois, irmãos, pacientes, até a vinda do Senhor" (Tg 5.7).

A resistência no "dia mau"

Por questões orgânicas, por questões climáticas, por questões geográficas, por questões históricas, por questões sentimentais, por questões sociológicas, por questões religiosas e outras, o tempo não é uma eterna mesmice, como lembra o Eclesiastes (3.1-8).

No calendário de qualquer pessoa pode surgir, de repente, o desagradável "dia mau" de que fala Paulo: "Tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis" (Ef 6.13).

Esse dia mau é o dia da tentação, o dia da provação, o dia do cerco, o dia do aperto, o dia da investida satânica, o dia da tempestade, o dia da crise, o dia da frustração, o dia da depressão, o dia da dor, o dia da doença, o dia da morte, o dia da tragédia. Mas é um dia que chega e também passa. Especialmente neste dia a capacidade da resistência precisa

estar em forma, revestida de redobrada força. Daí a associação que Paulo faz do dia mau com a armadura de Deus.

De posse desta armadura espiritual qualquer membro do corpo de Cristo pode resistir no dia mau e sair dele são e salvo. As peças principais desta armadura incluem o escudo da fé, o capacete da salvação e a espada do Espírito. Com o auxílio e bom uso da chamada armadura de Deus é perfeitamente possível obter vitória no dia mau, mesmo sendo um embate envolvendo os principados, as autoridades e os dominadores deste mundo tenebroso.

Os recursos da resistência podem ser achados também na plena confiança em Deus (Sl 23.1), no exercício da piedade pessoal (1 Tm 4.7-8), na prática da humildade cristã (2 Co 12.10), no poder do Espírito (At 1.8 e Rm 8.13) e na inaudita certeza de que Deus é fiel e "não permitirá que sejais tentados **além** das vossas forças (1 Co 10.13).

CAPÍTULO 16

Prática do Poder

A prática do poder é a arte de se apropriar continuadamente, por meio da fé, do poder de Deus, colocado à disposição do crente que reconhece suas tremendas limitações e deseja permanecer fiel a Deus e servi-lo de maneira abundante na medida de seu chamamento e dons.

Poder secular e poder espiritual

Existe poder aquisitivo, poder público, poder temporal, poder moderador, poder naval, poder negro, poder jovem, poder político, poder internacional, poder mental. Existe também poder espiritual, que difere substancialmente de qualquer outro poder e reúne uma porção enorme de valores relacionados com a vida em estreita e permanente comunhão com Deus. Tais valores são: aptidão, autoridade, capacidade, eficácia, energia, entusiasmo, força, influência, meios, possibilidades, recursos e vigor.

No sentido profano, o poder pode depender da posição social, das vantagens pessoais, da capacidade, do dinheiro,

da propaganda, da política, do voto, da força, da tirania, da opressão, do suborno. No sentido cristão, a origem do poder é totalmente diversa e tem propósitos também diversos. Só os que se fazem pequenos têm direito ao revestimento do poder de Deus: "O poder se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Co 12.9). Enquanto na vida secular o poder em quase todos os casos é exercido em benefício próprio, o poder outorgado por Deus é exercido em benefício da expansão do reino de Deus.

O poder pertence a Deus

Aqui está o testemunho do salmista: "Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: que o poder pertence a Deus" (SI 62.12). O mesmo Davi volta a proclamar esta solene verdade na oração feita perante toda a congregação de Israel, pouco antes de morrer: "Tua, Senhor, é a grandeza, o poder, a honra, a vitória e a majestade... Teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Na tua mão há força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força" (1 Cr 29.11-12).

Embora a última frase da oração dominical não esteja em todos os textos gregos, os cristãos do mundo inteiro repetem há quase dois mil anos a bela doxologia, que pode ter sido tomada da oração de Davi acima citada:

"Teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém." (Mt 6.13.)

É de todo saudável consagrar a declaração de que o poder pertence a Deus. E esse poder é imenso, suficiente para "subordinar a si todas as coisas" (Fp 3.21).

Espírito Santo e poder

Desde o Velho Testamento o Espírito Santo é o instrumento do poder que promana de Deus. Faraó percebeu que **José** era um homem possuído pelo Espírito de Deus (Gn 41.39). **Bezalel** foi cheio do Espírito de Deus para ter habilidade e

inteligência para elaborar desenhos e trabalhar na construção do tabernáculo (Ex 31.1-5, 36.1). Os juízes **Otniel** (Jz 3.10), **Gideão** (Jz 6.34), **Jefté** (Jz 11.29) e **Sansão** (Jz 13.25, 14.6 e 19, 15.14) foram homens especialmente capacitados pelo Espírito de Deus para subjugar reinos e tirar força da fraqueza (Hb 11.32-35).

Esta concessão de poder torna-se mais notória e mais universal após a ascensão de Jesus. Ele mesmo ordenou aos discípulos que não se ausentassem de Jerusalém "até que do alto sejais revestidos de poder" (Lc 24.49) e acrescentou: "Recebereis poder ao descer sobre vós o Espírito Santo" (At 1.8). Na oração de Paulo em favor dos efésios, o apóstolo roga a Deus que eles sejam fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior, isto é, no íntimo (Ef 3.16). Uma vida, pois, que não entristece (Ef 4.30) nem apaga (1 Ts 5.19) o Espírito, anda no Espírito (Gl 5.16), semeia para o Espírito e não para a carne (Gl 6.8) e busca a plenitude do Espírito (Ef 5.18) - será também cheia de poder (At 6.8).

Poder para quê?

O poder não é dado para deleite próprio nem para promoção pessoal. Isto precisa ficar bem claro. Simão, o mago de Samaria, assustou os apóstolos Pedro e João quando revelou a sua ignorância sobre a natureza do poder do Espírito Santo, ao oferecer dinheiro para comprar o dom de Deus (At 8.9-24).

Deus nos reveste de seu poder para:

1. Fazer frente ao pecado.

O pecado tem uma força tremenda e "o corpo é fraco" (Mt 26.41). Para não ter uma vida de fracasso, você precisa do auxílio sobrenatural do Espírito. É por meio do poder do Espírito que você vai mortificar os reclamos da sua natureza humana (Rm 8.13).

2. *Exercer o ministério para o qual fomos chamados.*

No caso de Sara, ela recebeu **poder** para ser mãe, não obstante ser uma mulher estéril e idosa (Hb 11.11). No caso de Maria, ela recebeu **poder** para ser a mãe de Jesus, não obstante fosse uma mulher virgem (Lc 1.35). No caso dos apóstolos e dos setenta, eles receberam **poder** para expulsar demônios e realizar curas (Lc 9.1, 10.9). No caso de Paulo, ele recebeu **poder** para levar o evangelho de Jerusalém ao Ilírico (Rm 15.18-21, 1 Co 2.1-5).

3. *Testemunhar a morte e a ressurreição de Jesus "tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra" (At 1.7-8, Lc 24.49).*

O derrame espetacular e geral do Espírito Santo no dia de Pentecostes tinha este propósito. Por esta razão, a pequena comunidade cristã de Jerusalém, imediatamente após a descida do Espírito, passou a falar em outras línguas as grandezas de Deus (At 2.11). Em apenas trinta anos de missões, a igreja primitiva alcançou os mais importantes e populosos centros urbanos do mundo de então e neles se estabeleceu.

Desgaste e renovação

A manutenção do compromisso cristão e o exercício continuado de qualquer atividade em favor da expansão do reino de Deus importam em sensíveis desgastes. Em parte porque estamos sempre nadando contra a correnteza (Ef 2.1-3). Em parte porque a seara é enorme e os trabalhadores são poucos (Mt 9.35-38). Em parte porque o sofrimento que nos rodeia é intenso e variado. O desgaste é uma experiência natural e constante, como se pode ver em Paulo: "Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol de vossas almas" (2 Co 12.15). Ou em Davi: "A tristeza tem encurtado a minha vida; as lágrimas têm diminuído a

minha existência; estou fraco por causa das minhas aflições; até mesmo os meus ossos estão se gastando!" (Sl 31.10 em A Bíblia na Linguagem de Hoje). Qualquer ato de amor implica em desgaste. O bom samaritano gastou energia, tempo e dinheiro para salvar o semimorto da morte (Lc 10.33-35). As curas operadas por Jesus provocavam nele um desgaste de poder (Lc 6.19). Embora muitos das multidões o apertassem (Lc 8.42), o caso da mulher hemorrágica foi diferente. Por isso Jesus insistiu com Pedro: "Alguém me tocou, porque senti que de mim saiu poder" (Lc 8.46).

Porque há desgaste, a renovação do poder é uma necessidade constante. Daí a conhecida passagem de Isaías: "Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam" (40.30-31). Esta renovação de forças não tem nada a ver com a idade cronológica nem com o desgaste físico: "Ele é quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia" (Sl 103.5). É como Paulo escreveu aos coríntios: "Ainda que o nosso corpo vá se gastando, o nosso espírito vai se renovando dia a dia" (2 Co 4.16).

Pela prática do poder, o crente se abastece outra vez de força no mesmo momento em que despende alguma energia para fazer frente à tentação, ao sofrimento, à renúncia e ao desempenho de suas obrigações de amar a Deus e ao próximo. É extremamente necessário deixar a água entrar novamente todas as vezes que o nível da caixa-d'água começar a baixar. Ela precisa permanecer sempre cheia: "Buscai o Senhor e o seu poder, buscai perpetuamente a sua presença" (Sl 105.4)!

CAPÍTULO 17

Prática da Vontade

A prática da vontade é a arte de gerir o dom do livre arbítrio com inteligência, responsabilidade e acerto, submetendo cada desejo ao crivo do certo e errado, ao crivo da conveniência e ao crivo da exaltação do nome de Deus, na certeza de que de todas as coisas este mesmo Deus pedirá conta.

O homem não se dirige apenas por instinto, mas por livre escolha. Neste sentido ele é imagem e semelhança de Deus. A vontade faz parte da natureza humana e é algo imprescindível: a vontade de viver, a vontade de trabalhar, a vontade de amar, a vontade de dar, a vontade de ser bem sucedido, a vontade de agradar a Deus, e até a vontade de deixar esta vida e estar com Cristo" (Fp 1.23). O dom da vontade, outorgado por Deus, facilita muito a vida, torna tudo agradável e transfere uma dose enorme de responsabilidade ao indivíduo.

Vontades contraditórias

Todavia, há um fenômeno muito estranho: o homem tem simultânea ou sucessivamente vontades opostas entre si. Ele tem uma vontade agora e outra depois. Ou ambas ao mesmo tempo. Sob o ponto de vista teológico, ele é dominado por duas vontades igualmente fortes: a vontade de acertar e a vontade de errar.

1. A vontade de acertar.

É a vontade de rejeitar o mal e abraçar o bem. A vontade de levar a sério o Decálogo, o Sermão da Montanha e a santidade de vida. A vontade de obedecer, de amar a Deus de todo o coração, de agradar a Deus, de negar-se a si mesmo dia após dia, de crucificar a carne, de andar no Espírito, de não arredar o pé do caminho apertado que conduz à vida. Não obstante nobre, esta vontade encontra sérios obstáculos. O **primeiro** é a pecaminosidade latente, fruto da queda. Este fardo incômodo ele carrega consigo no mais interior de seu ser, do nascimento à morte. É por esta razão que Jesus explicou: "O que sai da pessoa é o que a faz ficar impura" (Mc 7.20 em A Bíblia na Linguagem de Hoje). Daí a descoberta de Paulo: "O pecado habita em mim" (Rm 7.20). O **segundo** é a estrutura pecaminosa da cultura ou da sociedade no meio da qual se vive: "Tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo" (1 Jo 2.17). O **terceiro** é a atuação das forças espirituais do mal: "O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar" (1 Pe 5.8). Os três obstáculos aparecem juntos na Epístola de Paulo aos Efésios: o curso deste mundo, o príncipe da potestade do ar e as inclinações da carne (Ef 2.1-3).

2. *A vontade de errar.*

É a vontade de satisfazer os desejos da carne, de andar segundo o curso deste mundo e segundo a liderança do mal. Esta vontade de errar também encontra sérios obstáculos, especialmente quando se trata de uma pessoa educada no temor do Senhor e comprometida com Jesus Cristo. O maior de todos é a atuação do Espírito Santo dentro do crente: "O Espírito milita contra a carne" (Gl 5.17). Uma porção de outros elementos se juntam ao Espírito no afã de dificultar e impedir a realização da vontade de errar: a noção da santidade de Deus, o não-conformismo da nova natureza implantada pela educação religiosa e em virtude da regeneração, os compromissos anteriormente assumidos com a luz, a consciência devidamente alimentada, a visão mais profunda e mais sábia da vida, a lembrança das miragens e frustrações anteriores, o patrimônio moral e espiritual até então acumulado, a repreensão da igreja e dos irmãos e o temor do castigo da desobediência.

Vontade alheia

Da infância ao fim de seus dias, o homem está sujeito à vontade alheia e dela recebe constante e forte bombardeio. A vontade alheia usa desde a propaganda subliminar até a propaganda ostensiva: a literatura e as artes, o dircurso e a persuasão, a insistência e a saturação, a mentira e o engano, a chantagem e a manipulação. Todavia, a decisão final está no exercício da vontade própria. A vontade própria é tão determinante que tanto o bem como o mal a respeitam e tentam atraí-la e dobrá-la. No Édem, tanto Deus como a serpente respeitaram a vontade da mulher: Deus não pôs uma grade em torno da árvore da ciência do bem e do mal, nem a serpente enfiou o fruto proibido na boca da mulher. Foi ela que tomou o fruto e comeu (Gn 3.6). A vontade própria é uma barreira tremenda ora para as forças do mal ora para as forças do bem.

A escolha final

De um lado, há a vontade de provar o fruto proibido, a vontade de deitar com a mulher de Urias, a vontade de ser amada pelo marido de outra mulher, a vontade de furtar uma barra de ouro, a vontade de não levar desaforo para casa, a vontade de não repartir coisa alguma, a vontade de ajuntar tesouros exclusivamente sobre a terra, a vontade de espalhar uma informação mentirosa, a vontade de matar o desafeto, e muitas outras. De outro lado, há a vontade de pagar o mal com o bem, a vontade de perdoar até setenta vezes sete, a vontade de ser sal da terra e luz do mundo, a vontade de ser limpo de coração, a vontade de crucificar o eu e espancar a carne, a vontade de seguir a Jesus até à prisão ou atà morte, a vontade de evangelizar, a vontade de chorar com os que choram, a vontade de distribuir todos os bens com os pobres, e muitas outras. No meio destas vontades fortes e opostas está o dom do livre arbítrio.

A vontade de Deus

A única maneira de não satisfazer a vontade alheia, a concupiscência da carne, o curso deste mundo posto no maligno e as insinuações dos demônios é fazer um alinhamento da vontade própria com "a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.2). Então o resultado será: "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio" (Gl 5.22-23).

CAPÍTULO 18

Prática da Alegria

A prática da alegria é a arte de se oferecer resistência à tristeza através do gozo proporcionado pela presença de Deus na vida daquele que o busca honesta e continuamente. Depende da descoberta e exploração das muitas e variadas minas de alegria que estão à margem do caminho em direção à vida eterna.

A alegria não é só uma opção de vida. É uma ordem de Deus ao seu povo. Em Cristo é uma aberração não ser alegre. É um mau testemunho. É uma contra-evangelização. É uma falta de coerência. O mandamento da alegria está espalhado nas Escrituras Sagradas: nos livros da lei (Dt 16.11), nos Salmos (Sl 32.11), nos profetas (Zc 9.9), nos Evangelhos (Lc 10.20), nas Epístolas (Fp 4.4) e no Apocalipse (Ap 19.7).

A Bíblia ensina uma alegria teimosa, aparentemente arrogante, não científica, baseada na fé e não na instabilidade das circunstâncias de tempo e lugar, comprometida mais com a saúde da alma do que com o bem-estar físico. Este

tipo resistente e durável de alegria pode ser visto na famosa oração de Habacuque: "Embora as figueiras tenham sido totalmente destruídas e não haja flores nem frutos, embora as colheitas de azeitonas sejam um fracasso e os campos estejam imprestáveis, embora os rebanhos morrem pelos pastos e os currais estejam vazios, eu me alegrarei no Senhor! Ficarei muito feliz no Deus da minha salvação!" (Hc 3.17-18 em A Bíblia Viva).

É importante lembrar que Paulo achava-se num cárcere quando escreveu a Epístola aos Filipenses, na qual enfatiza a prática da alegria: "Alegrai-vos sempre no Senhor, outra vez digo, alegrai-vos" (Fp 4.4). Nesta mesma carta, o apóstolo declara ter aprendido a viver contente em toda e qualquer situação: "Tanto de fartura, como de fome, assim de abundância, como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.12-13).

Gritos de alegria

A Bíblia descreve o regozijo do povo de Deus no correr dos anos e não economiza palavras para mencionar a intensidade e a qualidade desta alegria.

Fala-se em **grande** alegria (Lc 24.52, At 8.8, Fm 7), em alegria **completa** (Jo 16.24, 1 Jo 1.4, 2 Jo 12), em **abundância** de alegria (2 Co 8.2), em alegria **transbordante** (Mt 13.44, At 13.52), em p**lenitude** de alegria (Sl 16.11), em alegria **indizível** (1 Pe 1.8), em alegria **eterna** (Is 35.10) ou **perpétua** alegria (Is 51.11), em alegria em **extremo** (Jn 4.6) e até em **gritos** de alegria (Sl 42.4). As vozes da alegria provocada pela restauração e dedicação dos muros de Jerusalém na época de Esdras e Neemias foram ouvidas a uma grande distância (Ne 12.43). Salomão descreve a alegria do coração como um banquete contínuo (Pv 15.15). E Jesus faz questão de dizer que a alegria provocada por sua ressurreição seria permanente: "A vossa alegria ninguém poderá tirar" (Jo 16.22).

A alegria propicia o louvor. "Está alguém alegre?", per-

gunta Tiago, para advertir em seguida: "Cante louvores" (Tg 5.13). O Salmo 42 lembra com saudades da multidão em festa por ocasião das procissões à casa de Deus, "entre gritos de alegria e louvor" (versos 4 e 5). O povo comemorou a renovação da aliança na época do sacerdote Joiada "com alegria e com canto, segundo a instituição de Davi" (2 Cr 23.18). É muito difícil separar a alegria do louvor, o louvor da música e a música da expressão corporal (dança): "Louvai a Deus ao som da trombeta, com saltério e com harpa, com adufes e danças, com instrumentos de corda e com flautas, com címbalos sonoros e com címbalos retumbantes" (Sl 150.3-5). Momentos de intensa alegria foram descarregados na música e na dança: por Miriã, logo após a travessia do mar Vermelho (Ex 15.20-21); pela filha de Jefté, logo após a vitória do pai sobre os filhos de Amom (Jz 11.34); e por Davi, logo após a recuperação da arca do Senhor (2 Sm 6.14-15).

A fonte primeira

Na verdade a maior fonte de alegria é a presença de Deus na vida diária do homem: "Na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra há delícias perpetuamente" (Sl 16.11). Daí a oração de Moisés: "Sacia-nos de manhã com a tua benignidade, **para que cantemos de júbilo e nos alegremos todos os nossos dias**" (Sl 90.14).

Davi e Salomão, pai e filho, confirmam esta verdade. Porque pecou e se retirou da presença de Deus, Davi perdeu a alegria que lhe era uma experiência normal. É por esta razão que ele pede duas vezes no famoso Salmo de confissão e arrependimento o retorno deste estado de espírito: "Faze-me ouvir júbilo e alegria para que exultem os ossos que esmagaste" e "Restitui-me a alegria da tua salvação" (Sl 51.8 e 12). Já Salomão, seu filho, se distanciou de Deus por causa de suas mulheres estrangeiras (1 Re 11.1-8) e peregrinou atrás de alegrias duvidosas e efêmeras, entregando-se sem reserva a todos os seus desejos (Ec 2.10),

Mozinho Rodrigues!

tendo chegado por fim à feliz conclusão de que, separado de Deus, "quem pode alegrar-se?" (Ec 2.25).

Esta lição foi duramente aprendida tanto por Davi como por Salomão. O primeiro confessou: "O Senhor, tenho-o sempre posto à minha presença" (Sl 16.8). O segundo escreveu um dos apelos mais convincentes e bonitos das Escrituras contra a frustração e o tédio e a favor da colocação de Deus na linha de frente do pensamento humano: "Lembrate do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer" (Ec 12.1).

Quando se fala em alegria na Bíblia, repetidas vezes refere-se à **alegria no Senhor**. Veja-se os Salmos de Davi (9.2, 32.11 e 63.11), a oração de Habacuque (Hc 3.18) e a epístola de Paulo aos Filipenses (Fp 4.4).

Minas de alegria

A alegria não é tão difícil quanto os pessimistas pensam. Ela é provocada por coisas simples sempre relacionadas com a pessoa de Deus. Basta lembrar que a alegria é fruto do Espírito (Gl 5.22), conseqüência inevitável de quem está em Cristo e anda no Espírito e não na carne. Esta verdade é reforçada por mais este texto: "Vocês receberam a mensagem com aquela alegria que vem do Espírito Santo, embora tenham sofrido muito" (1 Ts 1.6 em A Bíblia na Linguagem de Hoje).

Outra fonte de alegria é a segurança do perdão e da salvação: "Alegrai-vos, não porque os espíritos vos submetem, e, sim, porque os vossos nomes estão arrolados nos céus" (Mt 10.20).

Todas as vezes que Deus se manifesta e aviva a sua obra no decorrer dos anos e a faz conhecida (Hc 3.2), há muita alegria: "Quando o Senhor restaurar a sorte de seu povo, então exultará Jacó, e Israel se alegrará" (Sl 14.7, 53.6). Talvez seja uma das mais poderosas fontes de alegria do povo de Deus (2 Cr 15.15, 29.36, 30.23-27, Ed 6.22, Ne 12.43).

O crescimento quantitativo e qualitativo da Igreja no livro de Atos foi celebrado com muita alegria (At 15.3), justificando o provérbio de Salomão: "Quando se multiplicam os justos o povo se alegra, quando, porém, domina o perverso, o povo suspira" (Pv 29.2).

O fruto do penoso trabalho é também fonte de alegria. Até para Jesus: "Ele verá o fruto do penoso trabalho de sua alma e ficará satisfeito" (Is 53.11). Paulo correu risco de vida em Tessalônica (At 17.1-10), não obstante muito se alegrou com os resultados de seu trabalho naquela cidade e escreveu aos tessalonicenses: "Vós sois realmente a nossa glória e a nossa alegria!" (1 Ts 2.20). Na pequena epístola dirigida a Gaio, João se abre: "Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos (na fé) andam na verdade" (3 Jo 4).

As promessas de Deus são outra fonte de alegria muito séria: "Alegro-me nas tuas promessas, como quem acha grandes despojos" (Sl 119.162). A esperança produz alegria antecipada e diminui sensivelmente o impacto da dor, como se vê em Paulo: "Para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós" (Rm 8.18). Os heróis da fé listados na Epístola aos Hebreus não obtiveram em vida a concretização da promessa, mas viveram debaixo da alegria e do entusiasmo daquilo que Deus prometeu fazer a seu tempo (Hb 11.39-40). Entre Zacarias e o nascimento de Jesus há pelo menos cinco séculos, mas o profeta anunciou à sua geração "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta" (Zc 9.9).

Enquanto entre os secularizados a alegria depende do ter e não do ser, depende de receber e não de dar, entre os cristãos um dos segredos da alegria é a ordem inversa: "Mais bem-aventurado é dar que receber" (At 20.35). Esta palavra atribuída a Jesus, encontra comprovação na experiência do povo de Deus tanto na época da construção do

primeiro templo (1 Cr 29.9) como na época da restauração da casa do Senhor, cerca de 150 anos depois (2 Cr 24.10). Em ambos os textos se lê que o povo se alegrou por ter dado liberalmente a sua contribuição voluntária.

Tempos de alegria

Por causa do pecado, por causa da depravação humana, por causa da ordem política e social injusta, por causa da incredulidade, por causa da atuação satânica, por causa do orgulho humano, por causa da fome e da miséria, por causa da enfermidade e da morte, por causa da rejeição do evangelho e por causa dos erros cometidos pela liderança civil e religiosa - nem todo o tempo é tempo de alegria. O livro de Eclesiastes ressalta esta verdade: "Há tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar de alegria" (Ec 3.4).

O próprio Jesus, a fonte de toda alegria, teve momentos de tristeza. Jesus chegou a chorar ao ver Maria, irmã de Lázaro, em prantos por causa da morte do irmão (Jo 11.33-35). Chorou outra vez, na entrada triunfal em Jerusalém, ao ver, do alto do Monte das Oliveiras, a cidade impenitente e marcada para a completa ruína (Lc 19.41-44). A sua maior tristeza, porém, foi no jardim do Getsêmani, quando buscou a simpatia de Pedro, Tiago e João: "A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo" (Mt 26.38).

Em certas situações muito especiais a tristeza torna-se virtude e a alegria torna-se pecado. Paulo se mostra virtuoso ao se preocupar com a incredulidade dos judeus, a despeito de todas as prerrogativas do povo eleito, seus irmãos e compatriotas segundo a carne: "Tenho grande tristeza e incenssante dor no coração" (Rm 9.1-5). Ao mesmo tempo Jó também se mostra virtuoso porque não se alegrou com a desgraça daquele que lhe devotava ódio (Jó 31.29). Aliás, está escrito que "o que se alegra da calamidade não ficará impune" (Pv 17.5). Existem o "Alegra-te" (Zc

9.9) e o "Não te alegres" (Os 9.1). O "alegra-te" é para as coisas que Deus faz (Sl 118.24) e o "não te alegres" é para as coisas que o homem faz de errado (Tg 4.9).

A tristeza tem que ser bem dosada. Tem que ser passageira. Tem que ser usada por Deus para provocar humildade, arrependimento e mudança de comportamento (2 Co 7.10). Tem que ser resolvida pela consolação das Escrituras (Rm 15.4) e pela consolação do Espírito (Jo 14.16). Tem que ser amenizada pela esperança cristã (1 Ts 4.18). Tem que ser sucedida pela alegria, como se preconiza neste Salmo: "Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã" (Sl 30.5). Tem que ser positiva como as dores da mulher que está para dar à luz, prontamente aliviadas ao nascer a criança (Jo 16.21-22). Tem que ser vencida e subjugada pela alegria do Senhor. Para tanto, é necessário recorrer a Deus: "Alegra-nos por tantos dias quanto nos tens afligido, por tantos anos quantos suportamos a adversidade" (Sl 90.15).